

RENOVAÇÃO

ÓRGÃO DE AÇÃO EDUCACIONAL PROLETÁRIA

DIRETORES:

EDCAR FERNANDES
VICENTE DO RÉGO MONTEIRO

SUMÁRIO

RENOVAÇÃO, Edgar Fernandes e Vicente do Rego Monteiro. — Diretrizes da Literatura e música negras no país, Dalmo Belfort de Mattos. — Servo do Senhor trabalhando na sua profissão, Débora do R. Monteiro. — 1.º Congresso de Poesia do Recife, Vicente do Rego Monteiro, Willy Lewin, João Cabral de Melo Neto, José Guimarães de Araújo. — O Sindicato e suas finalidades, Silvino Lyra. — Datilografia, Guerra de Holanda. — Acho ainda que tenho razão, Willy Lewin. — 3 Poemas, Nota de livros, Lédo Ivo. — Velho adjetivo, novo substantivo, Pe. Batista Cabral. — Castro Alves, Mário Pessôa. — Poemas de Cláudio Tuitú Tavares, Monteiro, Geo Charles, João Cabral de Melo Neto. — Clovis Ramalhete acolhido pelo prêmio, Breno Accioly. — Nota apressada sobre "Nebulina", Alberico Glassner. — Dois Poemas, Aluizio Medeiros. — Écos, Notícias, Nossa Capa, E & V.



S. JOÃO EVANGELISTA

Pintura de UGOLINO DA SIENA
Coleção P. L. de New York

Redação:

Rua do Bom Jesus, 207 4 2.^o

RECIFE

Vide "NOSSA CAPA", página 24



N. S. AUXILIADORA

Pintura

MONTEIRO

Pertence ao Prof. Agamenon Magalhães

Recife

CASTRO ALVES

MARIO PESSOA

(Conclusão)

Os versos desse homem extraordinário que "tinha estrelas na mão", na frase de Francisco da Costa, conseguiram fixar-se na memória do nosso povo, justamente pela nota sentimental e grandiosa, velha paixão que as incessantes fusões raciais e o perpassar dos tempos não conseguiram erradicar. Ainda hoje, através de cantiga melodiosa, se ouve a belíssima harmonia destes versos, tão caroaveis ao nosso paladar:

"Sylvia! Deixa rolar sobre a guitarra,
Da lagrima a harmonia peregrina!
Sylvia! cantando — és a mulher formosa!
Sylvia! chorando — és a mulher divina!
.....
Sylvia! dá-me a beber a gota d'água
Nessa palpebra roxa como lyrio...
Como lambe a gazella o brando orvalho
Nas largas folhas do deserto assyrio".

Em "Bôa Noite", poesia de intenso sensualismo, encontram-se estas quadras:

"Bôa noite, Maria! Eu vou-me embora,
A lua nas janelas bate em cheio.
Bôa noite, Maria! E' tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Bôa Noite!... E tu dizes — Bôa noite.
Mas não m'o digas assim por entre beijos...
Mas não m'o digas, descobrindo o peito,
— Mar de amor onde vagam meus desejos.
.....

A fruxa luz da alabastrina lampada
Lambe voluptuosa os teus contornos...
Oh! deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doido afago de meus labios mornos.
.....

Mas, que unção nestes outros versos que se lêem na "Hebréa"!...

"Pomba d'esperança sobre um mar d'escolhos!
Lyrio do vale oriental, brilhante!
Estrela vesper do pastor errante!
Ramo de murta a rescender cheirosa!...

Tu és, oh filha de Israel formosa...
Tu és, oh linda, sedutora Hebréa...
Pallida rosa da infeliz Judéa
Ser ter o orvalho que do céu deriva!

Porque descoras quando a tarde esquiva
Mira-se triste sobre o azul das vagas?
Serão saudades das infindas plagas,
Onde a oliveira no Jordão se inclina?
.....

e termina:

Eu sou o Lothus para o chão pendido.
Vem ser o orvalho oriental, brilhante!...
Ai! guia o passo ao viajor perdido,
Estrela vesper do pastor errante!...

"Coup d'étrier" revela o panteista, que faz do verbo um adminículo à natureza.

Em "Saudação a Palmares", assim ele se dirige a uma das suas heroínas:

"Crioula! o teu seio moreno
Nunca deste ao beijo impuro!"

Em "A Tarde" surge o paisagista para logo em seguida oferecer logar ao lirismo mimoso de "Maria". "A Queimada" é imponente, cenário estupendo que lembra o rio Amazonas... "No Dialogo dos E'cos" há intensa emoção. Em "Mão Penitente" lobriga-se o crítico social. Na "Tragedia no lar", tido por alguns como produção inferior, se vê a simplicidade destes versos:

"Eu sou como a garça triste
Que mora á beira do rio,
As orvalhadas da noite
Me fazem tremer de frio".

Cousa que parece escrita nas "Pupilas do sr. Reitor", de Julio Diniz...

Em "Adeus, meu canto", surge-nos novamente o imaginoso. Isto para não aludirmos às grandes produções do poeta mais conhecidas como "Vozes d'Africa", "Sub Tegmine Fagi", "O Século", e "O Navio Negreiro", que além de outras cousas belíssimas aduz esta curiosa descrição geográfica da Inglaterra:

(... "é um navio
Que Deus na mancha ancorou.)"

— A sua vida nada tem de extraordinário. Vida de estudante boêmio, sem grande amôr ao trabalho escolar. Nasceu a 14 de março de 1847, na fazenda "Cabaceiras", perto de Curralinho, na comarca de Cachoeira. Seu pai — dr. Antonio José Alves, que exercia a medicina na cidade do Salvador, onde se distinguiu por ocasião da epidemia do cholera morbus, era casado com d. Clelia B. da Silva Castro. Estudou no Ginasio Baiano, dirigido por Abilio de Cesar Borges, futuro Barão de Macahubas, o homem que inspiraria ao grande Pompéa a figura imortal do educador Aristarcho, nesse pedaço do gênero humano que é "O Ateneu".

Aporta a Recife aos quinze anos, matriculando-se dois anos depois na Faculdade de Direito, onde não chegou a completar o curso, indo para o sul em 1868, afim de concluir-lo em São Paulo. Lá, o desastre de caça, obrigando-o a dolorosa amputação, contribuiu extraordinariamente para o desenvolvimento do mal que o levaria, em breve, ao túmulo: a tuberculose. Os nove meses passados no interior da Baía não fizeram o milagre da cura. Em 1871, aos 6 de julho, falecia, na cidade do Salvador, num velho sobrado à rua do Sodré, aos 24 anos, o maior poeta da geração romântica brasileira, D. Adelaide de Castro Alves, uma das suas irmãs, com 80 anos de idade, mas em pleno gozo das suas faculdades, concedeu aos "Diários Associados", em março de 1936, comovente entrevista sobre a vida do autor de "Adormecida". Eis como relata o passamento de "Secéo", como era chamado, em família, o nosso poeta.

"Meu irmão, atacado da terrível enfermidade, foi para nossa casa, na Baía, onde conhecera as hebreias. Estava tão debil que mal podia andar. Pediu para que o conduzisse ao andar superior. Queria morrer olhando o infinito". Ele nos suplicou que, a não sermos nós, ninguém mais lhe entrasse no quarto. Accedi a ele, chorando, tomou-me as mãos e disse:

— Não! Não a deixe entrar! Ela mais do que ninguém não deve guardar de mim uma lembrança de ruina. Que me recorde como sempre me viu, como me conhece... Não, não a deixe entrar. Referia-se a Secéo a Agnese Muri, por quem se apaixonara em seus últimos meses de vida. Quarenta anos depois ela me escreveu:

— Eu o confesso, tambem muito o amei e de um indefinido amor!"

Secéo peorava a olhos vistos. E gemia: "Ai, o Quilombo dos Palmares! Seria minha obra prima!"

A's 15 1/2 horas do dia 6 de julho, seu olhar foi se amortecendo. Enxuguei-lhe a fronte, molhada de suor. Ele, então, disse-me:

"Guarda este lenço... com êle enxugaste o suor de minha agonia..." E expirou".

Eis a lacônica e triste narração do que foi a morte de Antonio de Castro Alves, gênio que não foi moralizador no sentido integral da expressão, se bem que fosse u'a alma devotado ao que existe de bom e grandioso. Ele claudicou no terreno dos amores, cabendo, aqui a observação de José Agostinho (1) relativamente a Camilo Castelo Branco: "Delira de amor, e não ama nunca".

Mas, a natureza que havia sido tão generosa em doar-lhe atributos os mais peregrinos não podia abandonar a sua criação: proporcionou-lhe vida de sofrimentos físicos e morais indescritíveis, remindo-lhe as culpas, libertando-o com a adversidade.

Isso se quizermos observá-lo á luz do cristianismo...

1) "Camilo e sua psicologia".

—EXPEDIENTE—

RENOVAÇÃO - Órgão

de Ação Educacional Proletária.

**DIREÇÃO DE EDGAR FERNANDES
E VICENTE DO REGO MONTEIRO**

REDAÇÃO: Rua do Bom-Jesús, 207 - 2.º
Recife Pernambuco

| | |
|-----------------------------|---------|
| NUMERO AVULSO | 1\$000 |
| NUMERO ATRAZADO | 2\$000 |
| ASSINATURA PARA 24 NUMEROS: | |
| NA CAPITAL | 30\$000 |
| NO INTERIOR DO PAÍS | 35\$000 |

As assinaturas são pagas adiantadamente.

**Os originais literários enviados a RENOVAÇÃO
não serão devolvidos, ainda que não publicados**

SÃO NOSSOS CORRESPONDENTES:

ADEMAR VIDAL -- R. das Trincheiras, 554
João Pessoa - Paraíba.

DEBORA DO R. MONTEIRO - Rua Almirante
Alexandrino, 663 - St. Tereza - Rio de Janeiro,

DALMO BELFORT DE MATTOS -- Rua Desembargador Valle, 453 - São Paulo.

CRESO TEIXEIRA -- Avenida Deodoro, 418
Natal - Rio Grande do Norte.

**AÇUCAR
DIAMANTE**

O MAIS PURO
O MAIS ALVO
O MAIS SECO

Exportadores

**Cardozo Ayres & Cia.
PERNAMBUCO**

Do prof. Robert C. Smith, Vice Diretor do
THE LIBRARY OF CONGRESS de Washington,
recebemos a seguinte carta:

THE HISPANIC FOUNDATION

12 de Setembro de 1940

Exmos. Srs. Diretores
Edgar Fernandes e Vicente do Rego Monteiro
RENOVAÇÃO
Rua do Bom Jesus, 207, 2.º
Recife. Pernambuco.
Brasil

Prezados Senhores:

Recebo há meses a esplendida publicação, honra da velha cidade do Recife, que Vossas Senhorias tão brilhantemente dirigem. Quero expressar-lhes a minha gratidão pela oferta da dita revista que muito aproveitei na preparação da minha bibliografia anual das publicações sobre as belas artes no Brasil.

Especialmente me interessou o número de junho, 1940, dedicado aos duplos centenários de Portugal, tendo sido eu representante oficial do meu país às festas de Lisboa. Notei uma coisa de alto interesse, foi a notícia intitulada: As Festas Centenárias de Portugal e a Prefeitura do Recife. Quero saber se existe catálogo, ou melhor ainda, cópias das fotografias tiradas por Alexandre Berzin e Benicio W. Dias, assim como dos antigos desenhos e velhas fotografias. Como Vossas Senhorias talvez saibam estou preparando um livro sobre as belas artes no Brasil, que abrange todos os períodos desde a conquista até hoje. Preciso muito de indicações sobre coleções particulares e sobre estes próprios desenhos que foram mandados pela Prefeitura para Lisboa. Conto com a valiosíssima ajuda de Vossas Senhorias pessoas tão dedicadas às tradições artísticas desse magnífico nordeste do Brasil.

Aproveito o ensejo para lhes apresentar os meus cumprimentos, com que me subscrevo.

Robert C. Smith
Vice-Diretor

1.º CONGRESSO REGIONAL DOS EMPREGADOS DO COMÉRCIO, SINDICALIZADOS

A 25 de outubro findo, às 20 horas, presidida pelo Interventor Agamenon Magalhães, realizou-se a instalação dos trabalhos do 1.º Congresso Regional dos Empregados do Comércio Sindicalizados do Nordeste, e à 27 do mesmo mês, sob a presidência do Dr. Luis Augusto do Rego Monteiro, Diretor do Departamento Nacional do Trabalho e representante do Ministro do Trabalho, teve lugar, às 16 horas, uma sessão solene, proferindo o Dr. Luis Augusto uma brilhante conferência sobre o tema sindical corporativo brasileiro, ressaltando o espírito de justiça social que orienta a nossa legislação trabalhista.

No dia 30, "Dia do Empregado no Comércio", encerrou-se o 1.º Congresso dos Empregados do Comércio Sindicalizados, após auspiciosa discussão do projeto de estatutos da Federação Interestadual dos Empregados do Comércio, da 8.ª Divisão Regional.

Em próximo número daremos pormenores sobre o Congresso, apreciações sobre as teses dos Srs. Silvino Lyra e Manoel Constantino, bem como a transcrição na íntegra da conferência do Dr. Luis Augusto do Rego Monteiro.

RENOVACÃO

Teve excepional significação a visita que o Presidente Getúlio Vargas realizou á nossa terra. Ao primeiro contacto comosco sentiu, por certo, s. excia. a integração de Pernambuco no Estado Nacional.

De volta do extremo Norte, onde não lhe faltaram os aplausos e a exaltação patriótica das populações agradecidas, foi o Chefe Nacional recebido em nosso Estado por todas as classes sociais, na mais vibrante de quantas consagrações Pernambuco já tributou a um homem público. E as homenagens prestadas ao Presidente Vargas, sobre terem um sentido eminentemente patriótico, valeram como a afirmação eloquente do respeito e da solidariedade de um povo á figura insigne do estadista sábio e humano, que está executando com raro equilíbrio, o vasto programa de reconstrução nacional que se propôz realizar, quando em 1930 a Nação o elegeu seu Chefe.

Mas, o Presidente Vargas não se poderia deter na contemplação emocional dessas naturais expansões de alegria e reconhecimento do povo, por isso que percorria o Norte e o Nordeste do Brasil para sentir **in-loco** os problemas próprios dessas regiões e dar-lhes a solução indicada pela sua alta compreensão de administrador e patriota. Daí a atividade dinâmica que desenvolveu, entre nós, apreciando as iniciativas e realizações do governo pernambucano, em defesa dos interesses do povo e do Estado, as quais mereceram de s. excia. aprovação e encômios.

Verificou, pessoalmente, o Chefe Nacional que em Pernambuco não há descontentamentos. Todos trabalham e vivem na mais íntima colaboração. Enfim, sentiu o Presidente Vargas que as manifestações plenas de entusiasmo e bem estar do povo nas festas em sua honra, traduzem um estado permanente do espírito pernambucano, identificado com os mais altos e nobres ideais da Pátria.

MANOÏLESCO

JORGE ABRANTES

(Especial para "Renovação")

II

Impossível reduzir o pensamento humano a uma unidade absoluta de modelo, subordiná-lo a fórmulas despóticas e irredutíveis — por mais acentuada que seja a convergência das idéias, em determinada época, em dado meio. Sempre o princípio da livre movimentação da inteligência há de permanecer atuante, como garantia do progresso cultural da humanidade e em nome do livre arbítrio e da perene juventude do Espírito.

Por isso, agitam-se, no seio das escolas e dos sistemas, dentro da unidade fundamental dos princípios cardeais e da síntese geral das idéias, as *diferenças* de pontos de vista, as contribuições pessoais ou de correntes, uma rica variedade doutrinária, enfim, que pode não significar ecletismo, desde que não entrem em luta sistemas que se repelem nem se quebre a homogeneidade essencial dos princípios diretores e característicos.

No corporativismo, por exemplo, que é um "gênero" doutrinário definido (diferenciado do liberalismo, do socialismo, etc.), distinguem-se "espécies", que se aproximam em certos pontos e são irredutíveis em relação a outros, muitas vezes de natureza metafísica.

O corporativismo é a grande idéia do século. O largo oceano que reduz à sua massa única todas as correntes, todos os Amazonas como todos os pequenos veios em possibilidade de crescer e avultar no gigantesco panorama. O fim em cujo encalço correm os países civilizados, com maior ou menor velocidade, atletas de longo treino no meros principiantes, e até "amadores" e concorrentes semi-decrépitos que nunca praticaram o desporto e estão compreendendo, agora ainda que penosamente, a grande ilusão do seu reumatismo crônico e a grande inutilidade das muletas.

No *mappa-mundi* do corporativismo, queríamos dizer, não existe a monotonia de uma só cor simbólica, mas o alegre colorido regional das pátrias e dos sistemas, muito mais do que no velho mundo liberal, onde um racionalismo teimoso produzia o ridículo de índios guaranis, quichuas ou aztecas trajando as solenes vestes parlamentares de Londres, Washington e Paris. E o espetáculo inutil dos discursos líricos clamando pela liberdade, num continente cujas condições histórico-econômico-sociais estavam a reclamar uma disciplina, uma orientação, um sentido para a liberdade que havia, desordenada e em excesso. O corporativismo não caiu do céu sobre o deserto ideológico das nações do orbe, como, pretendiam, o maná democrático-liberal. Não nasceu feito. Surgiu das duras contingências do século e os autores vão buscar sua origem na escola histórica alemã, que afirmava "o relativismo dos sistemas jurídicos e sociais, a importância da tradição na elaboração do direito de cada povo e o valor do costume".

Assim, no campo das idéias-fatos: o corporativismo italiano, por exemplo, tem características próprias, sendo extremamente diferenciado do corporativismo alemão e, em escala variável, do que se realizou na Áustria anterior ao "anchluss", das experiências e iniciações francesas e do pré-corporativismo brasileiro. No campo das idéias-forças: o corporativismo de Mussolini, Bottai, Bortolotto, Costamagna e toda a constelação dos autores fascistas, não apresenta os

mesmos sinais do preconizado pelo romeno Manoileesco, daquele que defendem os institucionalistas franceses, do corporativismo da doutrina social da Igreja, do corporativismo idéado por Marcelo Caetano, segundo a tradição lusitana, ou Eduardo Aunós, de acordo com a realidade espanhola, ou Oliveira Vianna, servindo-se da experiência brasileira.

O pensamento corporativista de Manoileesco tem tonalidades especiais, certa maneira de ver os fenômenos econômico-sociais do século e se caracteriza por ser um sistema construído segundo linhas teoricamente harmônicas, mas que ainda não sofreu a prova prática.

Já dissemos que merece aceitação o seu corporativismo-puro, que só admite como legítimo o poder que assenta em bases corporativas e *integral*, que quer a disciplina corporativa das forças não econômicas da nação. Repugnou-nos, por outro lado, a sua exagerada noção do *portunismo histórico* do corporativismo. Diz ele que "le corporatisme n'a pas une valeur éternelle (comme les "éternels" principes de 1789!) mais une valeur relative à l'époque historique qui vient de commencer (grifo do autor), comme il a pu avoir une valeur à certaines époques du passé". De fato, os valores corporativos não são eternos, mas cremos em alguns princípios ou constatações de caráter *permanente*, como aquela do irresistível grupalismo natural e humano, que examinámos em artigos anteriores e que o liberalismo negara. Cremos numa essência permanente, que a variabilidade das formas não destroi.

Por sinal, a marca característica do pensamento de Manoileesco é esse excesso de relativismo, certo materialismo à maneira marxista, um grande apego ao econômico, em detrimento dos outros valores sociais e nacionais e, enfim, o distanciamento, ou antes, o alheamento aos princípios inspiradores cristãos que, sabidamente, têm contribuído poderosamente para a criação da nova ordem corporativa.

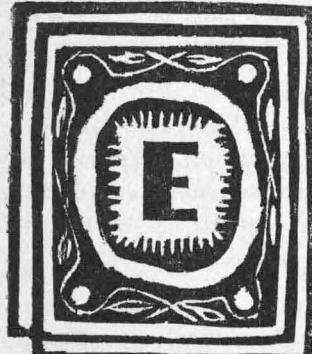
O DIREITO FUNCIONAL. Manoileesco dá forma a uma concepção direito interessante e que está sob outros aspectos na doutrina dos pensadores modernos. Estudando as corporações, diz: "Il n'y a que le droit naturel qui dérive des nécessités purement techniques du fonctionnement de chaque corporation, c'est-à-dire, les droits intimement liés à l'exercice de chaque fonction d'intérêt général. C'est ce que nous voudrions appeler: *le droit fonctionnel*. E, adiante: "Le service social est, donc, la source unique du droit".

A pedra de toque de toda a construção corporativa é, para Manoileesco, a *função*: "Ce que le principe contractuel est pour la philosophie individualiste, le principe fonctionnel l'est pour la philosophie corporatiste". Isto, numa certa medida e no campo (tão vasto e impreciso de limites é ele, hoje!) do direito público, é perfeitamente justo. Mas é perigoso colocar no cume de toda a organização do direito esse princípio funcional. Porque o homem não existe *exclusivamente* para prestar serviços, não tem apenas deveres, não deve ser escravizado pelas realidades mais vastas, como o Estado, a corporação, a família. É certo que predomina, hoje, a "norma", mas a "facultas", num sentido justo, deve subsistir, como expressão, não do indivíduo-átomo, antítese do Estado, mas da pessoa humana, integrada no Estado. É lógico que ao *particular* devem sobrepor-se, na ordem hierárquica, o *nacional* e o *social*, mas aquele primeiro grau de valores é a própria base da construção.

O erro não está em atribuir a cada componente nacional, pessoa natural ou jurídica, uma função ou funções (e é aí que Eduardo Aunós afirma: "Assim como o Estado liberal proclamou o "direito" dos indivíduos, a base essencial do

(Continua na pag. 26)

1º CONGRESSO DE POESIA DO RECIFE



M dezembro dêste ano será levado a efeito nesta capital, por iniciativa da revista RENOVAÇÃO, o primeiro Congresso de Poesia do Recife.

Será, ao que nos consta, a primeira vez a se reunir no Brasil um Congresso destinado a debater problemas de ordem exclusivamente poética, tomada a expressão não no seu sentido estrito (de arte poética), mas no de qualquer categoria de arte que receba o toque de valores legitimamente líricos: a pintura, o cinema, a fotografia, a arquitetura, não esquecendo o lirismo espontâneo, ingênuo — mas às vezes de tão alta intensidade — de que se acham cheias as manifestações da chamada arte popular.

O Congresso não será indiferente à colaboração de artistas e intelectuais dos demais Estados. Muito pelo contrário, seus organisadores empenhar-se-ão para que venham a contar com o apôio de todos aqueles que, espontaneamente, manifestarem interesse em comparecer aos seus trabalhos. Além do que dirigirão a diversos intelectuais do paiz, convites especiais que já estão sendo objéto de redação, afim de que também participem de suas sessões, quer pessoalmente, quer enviando contribuições a serem apresentadas durante as mesmas. Com essas medidas pensam ter cumprido uma das tarefas mais importantes de quem quer que se proponha realizar um empreendimento dêsses, que é a de dar-lhe a maior divulgação possível afim de que não se veja o mesmo transformado no órgão de um pequeno grupo ou de um movimento. Entretanto, não querendo vê-lo transformado no órgão de um "grupo", tomada essa expressão em seu sentido sectário, tão comum no Brasil,



os organisadores do Congresso alimentam a esperança de que todos os que venham a tomar parte nêle sejam capazes de capturar o "espírito" que o preside — e nesse sentido de "espírito" os seus participantes deverão constituir uma "equipe" fraternal e compreensiva e não uma reunião de pessoas a conversar cada qual em sua língua que bem pode ser estranha a muitos outros. Numa só palavra: o Congresso não desejará ver-se transformado numa brilhante assembléia de espíritos "cultos", "discursivos" ou dialéticos, mas numa reunião de mentalidade menos "lógicas" do que "mágicas". A poesia não é nenhum "instrumento", nenhuma "propaganda". A poesia nada "resolve". A poesia não é uma coisa "útil". A poesia é um mistério amável.

Cumpre também esclarecer que o Congresso não se limitará à discussão de estudos sobre a essência do fenômeno poético, sua revelação na arte ou sobre os que, em todos os tempos, constituíram-se seus "portadores". Mas, como parte integrante de seus trabalhos, além de uma exposição de pintura e desenhos, serão tentadas a exibição de alguns films de certa fase heróica do cinema (que além do interesse técnico revestem-se hoje, curiosamente, de um interesse altamente poético) e a montagem de uma peça de teatro, cujo desempenho seria, por exemplo, atribuído a atores novos.

Relativamente à data exata da instalação, local das reuniões e duração do Congresso, bem como outros esclarecimentos que dizem mais respeito ao seu funcionamento, tais detalhes serão divulgados em comunicações posteriores.

Vicente do Rêgo Monteiro
Willy Lewin
João Cabral de Melo Neto
José Guimarães de Araujo.

O SINDICATO E SUAS FINALIDADES

Silvino Lyra

IX SELEÇÃO PROFISSIONAL

As associações profissionais, cumpre exercer uma intensa ação seletiva de seus elementos, ressaltando a capacidade de trabalho, produção, caráter etc., mesmo em face de sua atividade como pessoa jurídica, quando na celebração dos contratos coletivos de trabalho.

Impõe-se a seleção moral e profissional a atividade sindical, em consequência da necessidade de melhorar e ampliar a capacidade técnica do obreiro e bem assim o seu valor moral.

Aos sindicatos, pois, cabe a tarefa de organizar escolas técnico profissionais em todos os ramos de trabalho.

Conforme veremos adiante, a nossa organização social, por demais avançada, rivaliza já com as mais perfeitas da Europa.

Na organização sindical italiana, essa atividade de zélo pela capacidade técnica do operário, está entregue as escolas PROFISSIONAIS "de todos os gêneros e condições". Há, porém como completo à sua ação, os "LITTORIAIS DO TRABALHO", que são completados pelos FASCIOS JUVENIS, na visão de fazer competir a juventude laboriosa no conhecimento da arte e ofício.

Na organização peninsular, são postos em um plano de harmonia e equilíbrio o conhecimento técnico com o valor ético do trabalho, da profissão enfim, projetando uma noção intensa de responsabilidades aos obreiros, no sadio objetivo de elevar o patrimônio moral e material do trabalhador. Com essa finalidade, dentre outras organizações, destaca-se o DOPOLAVORO, cuja ação contra como notáveis auxiliares, os grêmios culturais e sindicais, originários dos sindicatos fascistas da indústria.

As últimas organizações, na sua totalidade interiorizadas no ambiente profissional sindical, objetivam a

melhoria do nível intelectual e moral do operário italiano. Os concertos, visitas a teatros, oficinas, laboratórios, completam o conhecimento do laborioso.

Estes cursos especiais alcançam o seu fim, auxiliados por conferências sobre assuntos de conhecimento geral ou técnico, em ambientes próprios a tais dissertações.

As reformas, porém, são se realizam com rapidez meteórica.

Assim, em a organização do nosso corporativismo, temos andado dentro das nossas possibilidades. Hoje, em verdade, avançamos grandemente.

E a nossa organização sindical, em face do Decreto-lei 1402, orientada sob um caráter subordinado, dá ao sindicato um sentido quasi que estatal. Este, é compreendido como a própria célula da organização corporativa brasileira, já francamente delineada.

Em consequência, as obrigações para com a Nação pelos órgãos de classe, estão intensamente expressas na nova lei.

As organizações representativas de classe, dispostas em grupos profissionais e enquadradas a critério de homogeneidade por categorias profissionais, expressam de maneira assaz convincente o espírito de diferenciação da corporação, em todos os ramos de atividades.

O sindicato brasileiro de hoje, se obriga a manter as suas escolas de alfabetização e técnico profissional, ressaltando assim a necessidade de uma ação seletiva dos operários sindicalizados, para certos e determinados ramos da profissão, mercê do seu conhecimento, capacidade de trabalho e produção.

Aliás, pensamos ser mesmo tal atividade sindical, um impositivo do próprio contrato coletivo de trabalho. O sindicato, pessoa jurídica responsável perante a outra parte contratante pelos seus filiados, se obriga em decorrência dessa obrigação contratual, a selecionar os seus elementos capazes, no intuito mesmo de alicerçar o conceito da organização trabalhista junto ao ambiente sindical patronal, pelo valor profissional dos seus congregados e, sobretudo pela noção de direitos e deveres de cada obreiro sindicalizado.

Ora, o contrato coletivo de trabalho tem uma função disciplinadora também. Na organização sindical italiana vai mais longe, porque se estende até a atividade domiciliar, conforme declaração XXI do código do trabalho.

Por conseguinte, essa amplitude do contrato, impõe uma série de obrigações ao sindicato, em consequência do que, não pode prescindir de intensa atividade seletora, sob penas de mergulhar no descrédito.

SERVO DO SENHOR TRABALHANDO NA SUA PROFISSÃO

DEBORA DO R. MONTEIRO

(Para "Renovação")

S. José é "exemplo daquela justiça cristã que deve dominar na vida social". Palavras estas que se lêem na Encíclica de Pio XI sobre o Comunismo ateu. Recordemos que a virtude de justiça segundo o Doutor angélico não é apenas essa virtude especial que confere a cada um aquilo que lhe pertence; é mais a retidão geral da alma que resulta da reunião de todas as virtudes. Todos os títulos do santo Patriarca — Esposo virginal de Maria, Pai nutrício de Jesus, Chefe da Sagrada Família, Padroeiro das almas interiores, etc., de fato nos revelam a sua eminente dignidade, as suas heróicas e sublimes virtudes, assim como o poderoso crédito de que goza junto a Cristo-Deus. Por este motivo é bom invocá-lo, afim de que use do seu crédito em nosso valimento. Será bom também refletir no coração sobre a sua vida laboriosa e suas virtudes. Devocão fundada num magnífico conhecimento, cuja influência sobre a nossa vida pessoal se fará mais depressa sentir, para nos excitar no "caminho que conduz para a vida" (Mat. VII, 14), caminho de imitação da vida de Deus, filhos seus que somos pela graça santificante.

A grande fórmula de Cristo — "Sede perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito," (Mat., V, 48), S. José realizou-a efetivamente todos os dias. Queria o Grande Pai manifestar-se nêle, e de toda a sua alma o representou. Ima-jem venerável sua! — Honrava-o por sua perfeita fidelidade por uma confiança sem limites, entregara-lhe nas mãos o futuro, sem outro desejo que o da sua glória. Exercia em seu nome a sua própria autoridade sobre Jesus e Maria. Imitava-lhe a providência silenciosa e tão sábia. E aquele caráter escondido exaltado pelo Pai. Imitava-lhe o amor para com Jesus, à sua semelhança compraçia-se neste Filho dileto, para o qual somente e em união com ele vivia. Por quanto via-o através de todas as criaturas e atravessando todo o resto... como a flecha que afrontando tudo vai direito ao alvo, sem parar um instante diante das aparências... Como alguém caracterizou esse estado íntimo em que o Homem-Deus é o nosso tesouro e o nosso coração nêle está. Em verdade Cristo era o centro da vida de oração e de trabalho de

* *

Quem Jesus Christ chamou bemaventurados? Os pobres em espírito, os doces, os que choram, os que têm fome e sede de justiça, os que usam de misericordia, os limpos de coração, os pacíficos, os que padecem perseguição por amor da justiça. Isto no sermão da montanha, ensinando aos discípulos as bemaventuranças evangélicas. (Mat. V, 2-12).

Quando o homem chegou ao ponto de estabelecer toda a sua glória no divino amor, é bemaventurado, por que lhe dá um intenso contentamento que resiste, cresce, reforça-se, exulta com a pobreza, as lagrimas, as injustiças, as perseguições, as humilhações, a abjeção, etc.

S. José era bemaventurado.

Pobre, seus desejos pairavam acima das riquezas. Quasi nada possuia e a êsse quase nada não tinha apêgo. Repousava em Deus que era a sua partilha.

Era verdadeiro discípulo do Coração de Jesus doce e humilde, e do Coração Imaculado e dulcissimo de Maria, com uma suavidade que era uma caricia discreta. Para os parentes, para os clientes de sua oficina, para todos.

Dores lhe partiram o coração, angústias lhe encheram a alma. Mas era feliz. Jesus e Maria o consolavam.

Por sua vez êle consola. "Entre as práticas de devoção em uso para honrar São José, existe uma particularmente agradável a êste santo Patriarca, na qual se compraç, recompensando com numerosas graças. Consiste em recitar sete Pater, sete Ave, e Gloria, em honra das suas sete Dores e sete Alegrias, piedosa prática que ainda nasceu na Ordem de São Francisco". (L'Auréole Seraphique).

O zélo da casa de Deus devorava-o. Ele dava a Deus a honra que lhe é devida.

Pela unção do Celeste Paraclito, o amor misericordioso de Deus transbordava do seu coração, que unido estava ao de Maria, divinamente preparado para ser o Coração da core-dentora do mundo. Como tinha compaixão dos pobres, dos aflitos, dos que sofrem!

S. José tinha a pureza do coração graças á imunidade do pecado da carne, e a pureza dos pensamentos e das intenções unidas com Deus. Virtude do reino de Jesus Cristo. — Seu olhar espiritual lucido e penetrante contemplava o mistério do Verbo incarnado...

Sereno, silencioso, na paz, era um semeador de paz. A paz aureolava-o, glorificando-lhe a bôa-vontade, aquela paz messianica que os anjos cantaram no Natal do Menino-Deus e do presépio derivou.

Sofreu perseguição poi amor da justiça personificada, Jesus Cristo! Mas que doce paraíso estar com Jesus... E depois da sua bôa-morte recebeu a recompensa prometida: a bemaventurança eterna. E que glória inefável a sua!

* *

Não se deve perder de vista que S. José "com uma vida de fidelíssima observância do dever quotidiano, deixou um exemplo a todos os que devem ganhar o pão com o trabalho... e mereceu ser chamado o Justo, exemplo vivo daquela justiça cristã, que deve dominar na vida social."

Quer dizer que a sua imitação não é uma coisa do outro mundo e dará mesmo frutos preciosos. Pois o seu nome era o carpinteiro; com o suor da sua fronte ganhava o pão da Sagrada Família. Estava submetido à lei divina do trabalho, e executava o seu labor com alegria, por ser êle serviço de Deus, por ser desejado e imposto pelo Mestre benedito; deste modo glorificava-o...

Pôde-se publicar que de fato a sua vida esplendia com o mais puro brilho, observando êle, com a lei de Deus no coração, os seus deveres de estado, "estes como preceitos particulares que incumbem aos cristãos em razão da vocação especial e das funções que Deus nos destinou.

DATILOGRAFIA

Guerra de Holanda

As dificuldades da vida trazem o benefício das boas sugestões. O homem viverá sempre nessa incansável e eterna luta, fazendo por melhorar as condições de vida, em face da sociedade, sem violar, contudo, os preceitos da moral e da dignidade humanas. A tendência do homem moderno e inteligente é a de substituir o máximo de teorias inúteis pela técnica realizadora. O homem com o senso prático, sem se deixar absorver pelo materialismo utilitarista, terá noventa e nove probabilidades sobre uma, de vencer o homem teórico, amarrado no gabinete. E tanto é assim que o espírito de sociólogo, formado no conhecimento da vida, na pesquisa dos fenômenos sociais, como o é o do eminentíssimo prof. Agamemnon Magalhães, disse em um de seus artigos na FOLHA DA MANHÃ: "Homens de gabinetes, vinde à janela, ver a vida como ela é!" Essa advertência do estadista pernambucano, é, com efeito, uma negação honesta e justa do valor teórico dos homens de gabinetes. E' a condenação do homem que o estudo inutilizou, esse estudo que não se alicerça nos conhecimentos da vida e não tem uma finalidade aproveitável nem ao Estado, nem a Sociedade. O egoísmo liberal foi destruído pela cooperação do Estado Novo. E o homem moderno não pôde estragar a sua vida, dedicando-a às investigações de filosofias que o bom senso arquivou. Tem de ser um dinâmico, um prático, um útil principalmente um util. Já se passou a época em que ele tinha a liberdade de viver inutilmente, esbanjando a sua vida, o seu tempo, o seu talento. Com a necessidade da mútua cooperação entre os homens para a vitória do Estado, no plano das culturas e da economia, cada homem tem a obrigação patriótica de viver em harmonia de pensamento e de ação, na sociedade em que vive. Há um esforço significativo do homem, característica da época, que anula o superfluo em benefício do útil. Do útil social, com suas raízes profundas nas razões do Espírito. Em todos os estados de vida, há uma conquista da técnica sobre a teoria. O Sr. Ministro da Educação prestaria um serviço relevante aos brasileiros, incluindo no curso de preparatórios, o estudo da datilografia. A datilografia, neste século da mecânica, é tão necessária quanto o foi a caligrafia, nos tempos passados, na era da "anilina". O homem que não datilografa é um homem incapaz de assumir qualquer compromisso profissional. Há uma pergunta que

ouvimos em todas as repartições públicas, como exame de admissão — "sabe datilografia?" Em qualquer concurso, como matéria eliminatória, está a fatídica "datilografia".

|||||

Em uma pensão do Rio de Janeiro, onde havia dez bachareis recém-formados, nove estudavam datilografia para conseguir uma colocação. Esse fato é verídico e dele é testemunha o jovem sociólogo pernambucano Pinto Ferreira, que era a excessão, e estudava História, para se habilitar a um concurso no "Colégio Pedro II". Como vemos, o diploma de datilografia é mais necessário ao homem do que a "carta" de uma profissão liberal qualquer. E de mais, nem todos os ginasiários ingressam nas Escolas Superiores, ao terminarem o seu curso. E desses que galgam os degraus das Faculdades, muitos desistem logo. Um grande número de rapazes e de moças, quasi todos são candidatos ao funcionalismo público. E por isso têm necessidade dos conhecimentos datilográficos. Houvesse como disciplina obrigatória no curso secundário, a datilografia, estariam saneados vários aborrecimentos e habilitados muitos rapazes. O Sr. Ministro da Educação, pedagógico clarevidente que dirige com inteligência o Ensino Brasileiro, pelo acrescimo desta disciplina às outras, de curso fundamental, prestaria um grande benefício ao nosso povo, e os estudantes teriam mais um conhecimento que lhes facilitasse a vitória nas lutas pela vida.

PAYSAGE PANORAMIQUE

Hommage à Debussy

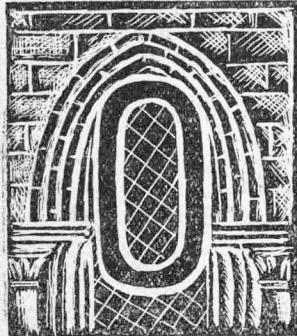
LA MER ALLONGÉE
SUR LA PLAGE,
COMME UNE ORÉE
D'OR ET MOUSSE,
ETALE SES FORMES OMBRÉES,
VOLUPTEUSES, DANS UN DESHABILLÉ
DENTELÉ
AUX FINS POINTS
D'UNE VENISE
GRISE.

COURRONNÉE D'ARLEQUINS ET COLOMBINES,
ROSES, BLEUS, VERMEILS, MOUSSELINES,
LE LONG DE LA SOURCE CRISTALLINE
LA RONDE
BOND
LUTTE
RUE
UT.

Monteiro

DIRETRIZES DA LITERATURA E MÚSICA NEGRAS NO PAÍS

DALMO BELFORT DE MATTOS



de açúcar", de Lins do Rego, desde "Menino de Engenho", até o "Bangue".

Negro martir. Negro semi-escravizado, nas culturas latifundiárias.

O preto é, aliás, o centro da sociologia brasileira atual. Desde o "Casa Grande e Senzala" de Gilberto Freyre, ao "Folk-lore negro" de Artur Ramos. De "Negros Bantús" de Edison Carneiro, ao "Preconceito de Raça", de Paulo Zingg.

A música, então, está completamente africanizada. Sambas e batuques, jongos e côncos, maracatús e frêvos impõem o "binário simples" como linha melódica. A síncope como elemento preponderante do ritmo afro-brasileiro. O pavôr à quadratura estrófica. A pobreza da letra. O desenvolvimento anormal dos estribilhos. Todos os elementos característicos dos africanos. Que Burchell Bachpins encontrou no Senegal. Que Krhebiel estudou em seus "Afro-american folk-song" e Reinaldo Mendonça esboçou em diversas monografias.

A influência negra revela-se no domínio absoluto dos membrano-fones-cuicas, tambús e bumbos, associados apenas ao réco-réco.

E é tudo. Nem ao menos se nota o influxo culturalizante da música européia, como nos coon-songs e spirituals dos algodoais do Mississippi. Apenas a rudeza primitiva dos "cantos de macumba" que a Rádio Tupi irradia diariamente: "Despacho de Exú", "Xangô" e "Banzo". Com invocações a Oxalá, a Oxossí, à Sereia Makunã. E até mesmo à "santa donzela de roupa amarela" — características de Yemanjá...

*

Este movimento originou-se em 1922. Teve a mesma fonte do "verde-amarelismo" literário. Orientado por aqueles que desvirtuavam a língua portuguesa para nacionalizá-la. Como se, para tal, se devesse endezear o solecismo. Ou introduzir a gíria das gamboas, na literatura do país.

Mas empolgou a República, após a crise e a Revolução de 30.

Era preciso conhecer a "realidade brasileira". E o que dantes fôra um "dadaísmo" de poetas citadinos torna-se o lema. A bandeira de uma escola.

Mario Sette — sem dúvida um grande escritor, exímio em focalizar instantâneos característicos — inça de barbarismos o "Seu Candinho da farmácia". E surgem, paralelamente, as "escolas de samba" na Praça Onze, e os romances do morro.

— Eu sou Diretora de uma escola de samba
Do Estacio de Sá...
E felicidade maior nêste mundo,
Não há...

— Mulata, mulatinha, meu amôr...
Fui nomeado teu tenente interventor...

E vieram as "camisas listadas". E o rádio espalhou, para todo o Universo, os diálogos edificantes do "Quem paga a gazolina?"... Ou proclamou que "a mulata é o orgulho da bandeira, da bandeira brasileira"...

Era a réplica atrazada ao indianismo dos Gonçalves Dias e dos Alencares. Mas que incidia no mesmo êrro. Deificando as cabróchas da Favela, como o romancista endezara a "virgem dos lábios de mel", esquecido que Iracema jamais escovara os dentes amarelados...

Esse movimento continha o germen de duas tendências, que se excluíam. Uma, a da pesquisa objetiva da realidade rácica. Outra, a dos revolucionários, ferrenhamente anti-latinos, pregueiros de um "Brasil brasileiro" que existiria no "hinterland", longe da influência europeizante do advena.

Essa foi a corrente que dominou os dois Congressos Afro-Brasileiros. Os conferencistas eram, em sua maioria, adeptos do "materialismo histórico" de Marx. Negavam o idealismo às lutas da Abolição. Explicavam os mitos gêge-nagôs pela infra-estrutura econômica, ou, quando muito, pela psicanálise de Freud.

A exploração socialista foi evidente. Reconhece-a o próprio Artur Ramos, ao prefaciar as "Culturas Negras no Novo Mundo".

*

Essa infiltração é patente, na maioria dos romances do Nordeste. Romances que se dizem proletários, apezar de escritos por intelectuais, para intelectuais.

Daí se atribuir a sertanejos broncos, a "cabras" sem instrução alguma, idéias de lutas de classes. De solidariedade mundial. Quando seu horizonte mal alcança a idéia de Pátria — confundindo-a, quasi sempre com o Estado Natal:

É o defeito máximo do "Brejo", de "Suor", de "Jubiajá". Há qualquer coisa de falso no grito que Jorge Amado põe na boca de rudes tabaréos:

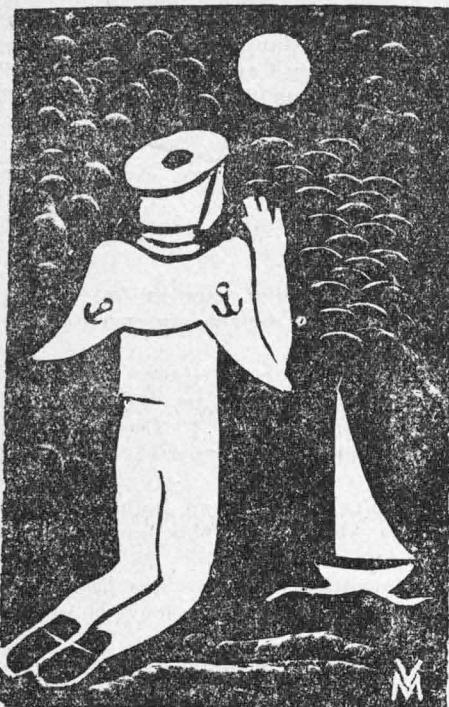
— Proletários de todo o mundo, uní-vos!

Quando é bem possível que êles não soubessem sequer pronunciar a primeira palavra. E nunca empregariam o tratamento "vós".

Esses defeitos não são individuais. Eles vêm de uma tática. A prova é que se repetem na literatura indianista hispano-americana, segundo a observação de Domingo Melfi Atenea.

Cont. na pag. 27

3 POEMAS DE LÉDO IVO



POEMA EM MEMÓRIA DE EBER IVO

Eber

O espírito de Deus pousou em tuas mãos trêmulas e na agonia de teus olhos enevoados
Que se entrecerraram porque o ritmo de teu coração morreu e teus sonhos procuraram outros roteiros mais extensos
E tuas paisagens humanas perderam os limites e se indefiniram

Nunca mais te contarei histórias nem sentiremos melancolias nas tímidas noites

Bem diziam que eras diferente de todos os teus irmãos
Havia um halo de poesia iluminando o louro bronzeado de teus cabelos cujos caracois a morte não desfez

Tua testa era límpida porque os pensamentos grandiosos adormeciam nela

Teus olhos sempre se levantavam para o alto ampliando o limite do panorama

E em teu corpo franzino habitava o sangue dos poetas e dos músicos

Habitava também o sangue dos contadores de histórias

Nós guardámos teu retrato de primeira comunhão e o ampliamos para que cresças durante a prolongada ausência
Recolhemos teus livros e teus cadernos de primeiro de aula e chorámos teus dez anos inquietos

Outros souberam sómente que partiste num esquife branco e teu último traje terreno foi uma roupa de marinheiro
Ó belíssimo menino de olhos sonhadores e cabelos louros

Mesmo porque fizeste a grande viagem com a indumentária dos navegantes

Teu cruzeiro é bem longo
Tão longo que minhas poesias te reconciliarão com os grandes problemas e enigmas

Vestido de marinheiro como os caminhantes do mar

Nunca mais te direi as tristes lendas de violinos e conversarei contigo

Tua poesia é tua presença transfigurada após a desaparição
Porque teus olhos se transformaram em faróis e sentiste a permanência do grande poeta que é Deus antes de sentires a transfiguração poética

Peco porém que digas aos poetas que encontrares por aí que o mundo se afunda em grandes tormentas

Os poetas continuam sendo os timoneiros do mundo

Não te esqueças das minhas histórias e das minhas paisagens mesmo porque te tornaste um timoneiro do barco de Cristo

O piano continua mudo para que se prolongue o compasso readquirido de tuas singelas músicas

Mesmo que as estrelas não brilhem nos céus claros estarás conôscio

Tão integrado conôscio que não te sentiremos ausente.

DESEJO

Desejo de ser neste instante a flor que enfeita teus cabelos.
Desejo de ser uma tímida estrela brilhando sobre os cais e sobre as auroras

Desejo de ser sómente a sombra de teu espírito

Desejo de ser a ária que te comove quanto te ajoelhas diante de Deus

Desejo de ser exclusivamente o sonho presente em teu sono calmo.

Desejo de ser a rosa que ilumina teus cabelos

Desejo de ser a estrela para quem todas as paisagens são provisórias

Desejo de ser tua sombra quando caminhas

Desejo de ser a sinfonia que te aproxima dos anjos

Desejo de ser teu sónho esquivo de quando sonhas comigo.

NOTÍCIA SÔBRE A POESIA

Súbitamente como uma transfiguração surgiu a poesia
Vinda das vozes arrastadas pelas correntes dos rios impuros
Dos lamentos dos ventos torturadores de ciprestes e amedrontadores de crianças

Vinda da cantiga dos mares guardadores de corpos pálidos e desnudos de dansarinas e aviadores desaparecidos em longas travessias

A eterna e imperdurável poesia cantada pelos poetas de todos os lugares e tempos

Mesmo por aqueles que a sentiram como se a houvessem descoerto

A poesia oriunda dos campos largos e das montanhas

A poesia que tocou no espírito dos loucos e nos olhos dos cegos

A impressionante poesia dos meninos adormecidos fóra dos berços e das estradas vestidas de neblina

Está estampada em mim quando escrevo um poema

Está inalteravelmente estampada em ti quando me miras

Atravessa teu piano e as ilhas que atraem os ventos sulinos
Caminha com as tempestades e se transfigura nos pensamentos dos poetas

Faz-se carne e espírito com o nascimento de crianças que serão poetas

E vive completa e imprescindível em nossas insatisfações e elegias.

ACHO AINDA QUE TENHO RAZÃO...

WILLY LEWIN

QUANDO escrivi que o ironista (um lógico) e o poeta (um mágico) se repelem, confesso que o fiz tranquilamente, parecendo-me que a coisa entava pelos olhos. O sr. Guerra de Holanda encheu-se, porém, de dúvidas e trouxe para as páginas desta mesma revista uma série de exemplos da poesia de Manuel Bandeira que, aparentemente, (declaro desde logo que não pretendo dogmatizar coisa alguma nesse terreno move-digo, nessa gaze, nessa neblina que é o mistério lírico) se chôcam com a minha afirmação. Sucede que, para atrapalhar ainda mais as coisas, não só admiro profundamente Manuel Bandeira como estou de acordo quanto à substância "poética" dos exemplos citados. E vou mais longe. Lembro um outro poeta semelhante: Carlos Drumond de Andrade. Lembro o "no meio do caminho tinha uma pedra", o "si eu me chamasse Raimundo", todo o "Alguma Poesia", todo o "Brejo das Almas". No meu próprio "Diário de Poesia" há uma nota sobre tais sutilezas. Mas como não a publiquei ao lado das outras, devo tentar uma explicação. Uma explicação que — tenham paciência! — não pode ser simplesmente "lógica" ou "léxica". Si eu me encontrasse diante de uma pessoa "fechada", francamente, não adiantava. Mas a hipótese é outra. O sr. Guerra de Holanda marcou algumas coisas que em Manuel Bandeira são das melhores e nem sempre são assinaladas pelos próprios admiradores do poeta, o que demonstra a sua capacidade de "topar". Isto posto, pergunto: não haverá apenas um mal-entendido entre nós dois quanto ao valor — não digo apenas gramatical, mas espiritual — da palavra ironia? Não parece claro que o ironista, propriamente dito, não pode deixar de ser um "lógico"? O voltaireano, o eciano podem ser (não digo aparentemente, mas profundamente) poetas? Agora o nervo do problema. Isso que o sr. Guerra de Holanda, e não só o sr. Guerra de Holanda, isso que todo o mundo se habituou a chamar de "ironia amarga" dos poetas, para mim não se chama ironia, mas humour. Considero um triste sinal dos tempos ter-se chegado à conclusão de que a ironia é mais "profunda" do que o patético, o poético humour. Assim, ironia passou a ser sinônimo de "espírito" e humour.. anedotas do sr. Cornelio Pires. Por que o sr. Guerra de Holanda (e como élé, todos), ao citar os seus exemplos de "ironia", não se contenta com a simples palavra, que deveria valer por si mesma, mas lhe acrescenta, involuntariamente, o adjetivo

"amarga", ou qualquer coisa semelhante? Isso é bem significativo e talvez indique uma certa intuição do mistério.

Trazendo-me Bandeira, o sr. Guerra de Holanda foi buscar um "clown" (o próprio poeta quis possuir "o lirismo dos "clowns"), para mostrar que a minha má-vontade (digamos assim) contra os ironistas não tinha motivo sério. Mas não adiantou porque eu sou do "clown", isto é do poeta. *Je suis presque un clown et j'ai été toujours poète* — pôs Marcel Achard na bôca de um personagem do *Voulez-vous jouer avec môa?*

Talvez ainda me perguntam: — E o ceticismo? Não é élle ainda a marca comum do ironista e do humourista? Não sei. Mas para mim o cétilo (o ironista) é um anti-poeta não porque negue o mundo, mas porque nega alguma coisa mais: o misterio do mundo.

POEMA

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Todas as transformações
Todos os imprevistos
Se davam sem o meu consentimento.

Todos os atentados
Eram longe de minha rua.
(Nem mesmo pelo telefone
Me jogavam uma bomba.)

Alguem multiplicava.
Alguem tirava retratos.
Nunca seria dentro de meu quarto
Onde nenhuma evidencia era aceitável.

Havia tambem alguem que perguntava:
— Porque não um tiro de revolver
Ou a sala subitamente às escuras?

Eu me anulo me suicido
Percorro longas distancias inalteradas
Te evito te executo
A cada momento e em cada esquina.

CASTRO ALVES

Mario Pessoa

ANTONIO DE CASTRO ALVES possuiu, como o seu irmão paulista de desventura, — Alvares de Azevedo — o que se pode chamar a fatalidade do gênio. Ambos foram infelizes; ambos sofreram, romanticamente, morte precoce. Ambos tiveram a visão perfeita do valor da sua poesia, do gênio que morava em cada um e da perspectiva sombria que os aguardava. "Se eu morresse amanhã" é ao mesmo tempo um canto de amargura e exaltação. Esse espírito, dominante em Alvares de Azevedo, inspira a Castro Alves alguns versos realmente sentidos, como os da visita á "Bôa Vista", entre os quais se distinguem:

"A estatua do talento, que pura em mim s'erguia,
Jaz hoje — e nela a turba enlaça uma ironia!..."

Sempre a convicção do talento. Sempre as corôas da imortalidade!

Mas, Castro Alves ocupa, na história da poesia brasileira, lugar à parte. Muito se tem dito sobre o seu valor como poeta. Ao lado das críticas laudatórias surgiram restrições á sua forma de poetar e mesmo ao sentido da sua obra. Ele revolucionou o seu tempo, alcançando a consagração popular. Era talento generoso, possuidor de gestos largos e profundos. Fígraga discutidíssima, sobre êle tem escrito a fina flôr da nossa intelectualidade. Ruy, Euclides, Alencar, Nabuco, Verissimo, Tavora, Lucio de Mendonça falaram a respeito do adolescente de inspiração vulcanica, que tudo removia á passagem das suas apóstrofes imortais. Ultimamente a seu respeito escreveram, entre outros, Afranio Peixoto, Pedro Calmon, Agripino Grieco. Consegiu vencer a grande prova do esquecimento e há pouco tempo foi apresentado, em nossa Camara Federal, um projeto, que autoriza o Governo a reeditar-lhe as obras completas, afim de serem distribuidas entre os escolares. Melhor homenagem não se lhe poderia prestar á memoria e melhor expediente não se poderia usar para expor aos jovens algo do verdadeiro Brasil, que êle Castro Alves soube sentir como poucos.

Castro Alves foi o maior discípulo que Victor Hugo deixou nesta parte da America. A' poesia condoreira, iniciada por Tobias Barreto, como aquele seu talento todo especial para os versos béticos, emprestou o seu engenho que era de primeira agua. Poesia condoreira, de condor — passaro que vôa a grandes alturas, símbolo feliz da constante exaltação que a caracteriza, foi um dos instantes supremos da nossa inteligência, uma pagina indelével na história literária do Brasil. Castro Alves lia e relia Hugo, inspirando-se nos versos famosos do grande mestre, mas não o imitava servilmente, a ponto de se tornar a sua obra uma contrafação ridícula. Se é verdade que a hiperbole hugoana foi um dos senões, que mais o perseguiu, em todo o caso, cumpre assinalar que a inspiração e maneira de dizer eram suas, posto o estilo, no sentido largo da expressão, fosse emprestado ao autor dos "Chatiments". Uma das causas mais fortes da popularidade de Castro residia justamente em ser êle, antes de tudo, um poeta brasileiro, um tradutor amável dos nossos dissabores e das nossas fraquezas, um mísico sentimental que soube compreender maravilhosamente a constante inclinação da nossa gente para os queixumes, para a insatisfação. Se é verdade que "O Navio Negreiro", momento culminante da poesia condoreira no Brasil, se reveste da elevação hugoana, não devemos esquecer que o "Gondoleiro do Amor", modinha popularíssima, foi extraída do que o brasileiro tem de mais íntimo, máo grado as alusões a Sorrento e ás noites d'Italia. E não devemos desprezar a circunstância de que, depois de "Teus olhos são negros negros", apareceram milhares de canções exaltando os olhos pretos das nossas morenas. Castro soube finalmente adicionar Hugo ao muito que era seu, e daí o formoso conubio que resulta da sua poesia.

Iniciando a sua carreira literária aos 17 anos, nos começos da mocidade viril, todo êle é aventura e impeto. Idade das

irreflexões, a poesia lhe saí como torrente que brotasse ao contacto de uma vara mágica, repetindo o episódio bíblico do milagre, em cérebro tão jovem. E' que o nosso poeta, por ascendência, era um lírico exaltado, um filho da humanidade, um produto castelhano de envolta com a mestiçagem brasileira. Sem nunca ter falado em Sociologia, êle foi um dos poucos sociólogos do Brasil. Não possuiu o pedantismo científico da nossa éra, não usufruiu o favor dos igrejós literários regionais, mas encarou, antes de tudo, a sociedade, pondô de lado o individuo. O movimento das coletividades, os sofrimentos dos infelizes, tudo que indicasse grupo ou multidão era assunto predileto para esse estudante que jamais pensou em si próprio.

Êle que se deixou consumir, que nunca teve pensamento inferior, que não se corrompeu ás promessas falazes dos governantes, foi exemplo á mocidade do País, e, nesse momento, em que há tanta iniqüidade por esse mundo a fóra, a sua lembrança é estímulo para aqueles que ainda não descêrem de tudo. As suas idéias na Academia não poderiam jamais se filiar a partidos e sim á humanidade. Daí o dizerem que êle sempre olhava para o alto. Não foi pintor de carateres, mas sentiu a natureza, se bem que a natureza que mais o empolgava era a revolta, aquela de que resulta o turbilhão e o excesso de vida. O seu clima foi a tempestade. O raio devia ser o fôgo de artifício desejado para esse homem, que transformou o bôrum das senzalas no mais flagrante perfume da ficção humana — "As vozes d'Africa"...

Se ás vezes se ouve, dentro das suas estrofes o estouro de uma bomba, não devemos incluir esse fato no meio dos que afeiam a poesia: são pequenos estremeços do gênio, ligeiros obstáculos á marcha de um astro que nem sempre encontra vazio de todo o espaço interplanetário.

Temperamento de árabe, a sua poesia amorosa é sobretudo sensual. Nisso vai ao encontro da índole do brasileiro. Se encontramos a "Hebreia" e "O laço de fita", onde há o melhor do seu lirismo, não devemos olvidar que todo o seu verso de amôr . profundamente erótico, se bem que não seja imoral. Fala constantemente em formas núas, em seios, em cabelos, em alcovas, etc. Em "A volta da primavera" fala-nos em "seios tumidos". Em "Bôa Noite" escreve: "Não me aperbes assim contra o teu seio" para logo depois repetir "o globo do teu peito entre arminhos". Em "Versos de um Viajante" fala nos "morenos seios das belas filhas do país do sul". No "Immensis orbibus anguis" diz-nos: "Entrega um seio nú, moreno, luzidio". Em "Fé, Esperança e Caridade": "Há no teu seio a maez de los lirios" ... — o que faz lembrar Salomão: "o teu ventre é um monte de trigo coroado de lirios". No "Bandolim da Desgraça" ainda repeete "seios tumidos".

A constante repetição de certas palavras estimadas, de alguns cacoetes, pequenos lâpsos de estilo, não poderia ser encarada como pobreza de idéias, pois estas mal se continham num cérebro tão animoso. O que se deve atribuir antes era á cultura filológica do autor, ainda insuficiente para exprimir as grandes que existiam na sua imaginação.

Grito, infinito, amplidão, oceano, são os termos usuais desse homem que era pequeno, mas só fitava os Andes, frase de que se utiliza em "Quem dá aos pobres, empresta a Deus".

Toda aquela mocidade do tempo de Castro Alves se deixou contaminar pelo seu entusiasmo patriótico, cujo iniciador fôra Tobias — que significa no Brasil a maior objeção á suposta teoria da superioridade da raça branca. E' que havia no cantor de "Mocidade e Morte" um grande desinteresse das vantagens da vida. A sua poesia se originava de sentimentos puríssimos. Entre C. Alves, patrônio de escravos e a estudantada ambiciosa de hoje, há trêz séculos de elegancia moral a separá-los. Tribuno, soube agitar as massas com as belezas inescriptíveis das suas imagens, onde predominavam invocações, apóstrofes e metáforas de riqueza oriental. A' estrela chama "fruto louro", á república — "vôo ousado do homem feito condor"; ao fumo das batfahlas — "o corvo da guerra"; aos astros "olhar dos mortos", etc. Os defeitos, em C. Alves, ofuscaram-se antes as suas qualidades. Para Castro, Deus é um riso de luz e o berço é a barca que encalhou na vida...

A sua eloquência, contagiosa e hipnotizadora, acorrenta os ouvintes ao poder insopitável do talento verbal, que lhe era fertilíssimo. Criou entre nós alguma cousa a mais do que simples imitações de Hugo. Escreveu alguns versos brasileiros, dentro daquele contrário, que fôra o seu lado forte e original: a doçura e a eloquência, o arroubo e a sensibilidade. O seu lirismo participa ás vezes da delicadeza de Casimiro de Abreu, para logo altear-se as fortes expressões viris do seu

temperamento quando entrava em jogo os interesses da humanidade, que ele socialista de antanho se constituira advogado sem honorários. Muito diferente aliás dos salvadores de hoje, que fazem pacto de "quota litis" com os operários, seus indefesos constituintes...

Castro Alves é poeta mais eloquente que sentimental, mais imaginoso que lírico, se bem que não lhe faltam essas qualidades importantes da verdadeira poesia.

A obra do abolicionista, em Castro Alves, vive o instante máximo do seu talento. Trouxe consigo, possivelmente do serço, uma espécie de caridade inflamada pelos seus heróis — os desherdados da sorte, os escravos, as vítimas da guerra franco-prussiana. Nesse trabalho a sua piedade sublima-se, e da apóstrofe, feita para os ataques e recriminações, faz suave arma de combate, pois no meio das suas imprecações existe uma harmonia encantadora, plasmado toda a sua poesia nesse ritmo inquebrantável. Joaquim Nabuco disse muito bem que as idéias mais felizes do poeta foram inspiradas pela sorte dos cáticos. Verdade é que "as espumas flutuantes", por si só, não o conduziram à imortalidade. A liberdade foi o seu tormento psicológico, a idéia fixa, o alvo dos seus ideais de homem. Nos seus versos realça a nota livre, o horror da moda, a condenação do preconceito. Eis o traço original que lhe sagrou a obra. Amou a liberdade política, que lhe inspiraria "Gonzaga", drama movimentado, onde os diálogos são poéticos demais; adotou a liberdade de pensamento e daí a autonomia do seu estro e da inspiração; creu na liberdade do amor e preferiu ao trivial casamento honesto os românticos amores livres com Idalina e Eugenia! Por isso, o velho Rui, crítico sizudo e veemente, chegou a asseverar, referindo-se a Castro Alves: "Pulsa a liberdade até nas suas canções de amor".

O que mais caracteriza a poesia de Castro Alves é a vivacidade. Ele não descreve fatos e sentimentos: módala-os como um estatúario. Por esse motivo os seus leitores têm a ilusão mental de que estão vendo realmente os objetos descritos, como se fôra miragem encantadora. A vida ideal salta aos olhos de quem o lê. Foi um agitador de sentimentos nobilíssimos e quando ouço falar em atlantismo de vocabulário não posso deixar de recordar o perfil do poeta; a cabeleira negra a coroar-lhe a face pálida, onde flutuavam dois olhos inquietos e penetrantes.

Pessimista em alguns versos de amor, ele, como todo o romântico, necessita contradizer-se: dai o otimismo da sua poesia abolicionista. Nesta, a unidade moral da obra é traço vigoroso de quem, abusando das antiteses, não soube destruir o que o engenho lhe havia ditado como a parte imortal. Ele soube unir a emoção, que lhe era produto naturalíssimo, com um poder verbal extraordinário. Fez do símbolo a parte comovante da sua poética e quanta vez saudou a multidão brasileira ante imagens indeleveis, saídas do campo da luta, sem a maturação dos gabinetes silenciosos! A ênfase, antes de vir a desmoralizar-se pelo uso de alguns mediocres felizes, foi uma das armas desse lírico palavroso. Todo ele, quando recitava, era capítulo de declamação. E a sua beleza emoldurava o quadro do engrandecimento sentimental da sua tragédia. Grandioso sem cair no trivial sabia ungir a sua verbosidade a uma compreensão intensa das coisas. E para o brasileiro ela constitua o melhor alimento espiritual. Nacionalista sem vanglorias, desenhou o espírito da pátria, criando-lhe um evangelho de cívismo, que, por si só, originaria uma civilização. Na espontaneidade do seu verso, onde se nota o traço épico muito acentuado, permanece o impulso de sempre: a defesa do humilde. Existe verdadeiramente um traço que distingue Castro Alves dos nossos outros poetas da geração romântica. Ele não foi um sentimental, um atormentado, um cantor melancólico das suas desgraças íntimas. Ele se fez arauto duma idéia: o abolicionista. Poz a sua imaginação a serviço desse pensamento humanitário, e a tudo caracterizava com os ramalhetes imarcessíveis duma eloquência e imaginação incendiárias. Foi um agitado mental, encarada a expressão no sentido benigno. Se às vezes se desfaz em expressões de um dóce lírico, se escreve alguns versos onde a saudade e o sentimento das coisas se positiva, é antes para mostrar que dispõe de um coração, onde abundam ternuras indescritíveis.

Castro Alves, máo grado os passageiros triunfos da sua carreira, onde lhe foi dado usufruir alguns instantes de verdadeiro prazer espiritual, não teve existência feliz. Os seus amores, variados e intensos, sumamente vividos, não corresponderam contudo á ansia desse lírico impetuoso. Eugenia Camara — a mais falada das suas musas — expulsou-o. Idalina, a quem Pedro Calmon se refere, viveu com o poeta alguns



CASTRO ALVES -- Gravura de Monteiro

tempos na rua do Lima, pouco se sabendo dos resultados sentimentais dessa união ilícita e ocasional. As judias, as irmãs Amzalack, que lhe inspirariam "Hebreia" ("a personificação da saudade", no dizer de Ruy), casaram-se, prosaicamente, com outros indivíduos mais práticos e mais robustos que o seu ingênuo cantor. Resta apenas Agnese Murri, que declara o ter amado muito, espécie de consolação, de último pedido de um condenado á morte.

Castro, se bem que fosse u'a alma voltado para o que existe de bom e generoso, no terreno dos amores em particular, não é dos melhores exemplos. Ele conheceu e praticou a mancebia e parece não ter sentido um pouco desse amor platônico, indefinível e que dá ao objeto de suas atenções um perfume santo. Seus versos amorosos se dirigem á carne e não aos sentimentos. Ele foi nesse campo um ismaelita, no sentido completo da palavra. Um harem deveria ser o templo, onde Castro Alves sacrificaria a Venus...

Para Castro, o próprio espírito deveria ser matéria; u'a matéria especialíssima, intangível e sensibilíssima...

— Joaquim Nabuco, que nunca pôde assimilar a boa poesia, máo grado ser um dos maiores prosadores do vernáculo, salientou a ausência de sentimento nos versos de Castro Alves, exemplificando com a poesia "Quando eu morrer". Mas seria possível que o apolíneo Nabuco, tão visinho de Castro nas vantagens do físico, não houvesse lido "O adeus de Tereza", "A Boa Vista", "Horas de Saudade", onde se fala na "sombra sideral de teus cabelos"?! Seria possível que os olhos do político abolicionista não se houvessem posto nesta quadra?

"Oh! deixem-me chorar!... Meu lar... meu dóce ninho!
Abre a vetusta grade ao filho teu mesquinho!
Passado... mar imenso! inundá-me em fragrância!
Eu não quero laureis, quero as rosas da infância".

(Cont. na pag. 3)

AERO CLUBE DE PERNAMBUCO



A desconfiança com que alguns indiferentes olharam, do início, o Aero-Clube de Pernambuco, os responsáveis pela organização preferiram dar uma resposta prática e decisiva anunciando a chegada hoje, ao Recife, do primeiro avião adquirido pelo governo do Estados. Com esse aparêlho começa a formação de nossa frota aérea. É um êrro supôr que ela deveria aparecer de outra maneira, completa logo, dentro do aeródromo, embora com grandes "deficits" para a receita do clube ou implicando em altos compromissos.

Meditemos um instante no verdadeiro sentido da iniciativa para a qual devem convergir o apôio e mesmo a colaboração material de todos os pernambucanos. Já houve até quem julgasse relacionada com a simples instalação duma sociedade esportiva, cujo programa não fosse além do treinamento de meia duzia de rapazes nos chamados "vôos picados" e nos saltos de para-quedas. Essa idéia falsa é preciso destruir. Os objetivos do Aero-Clube não se resumem em experiências nem estabelecem realizações imediatas. Coordenam-se antes com uma notável obra de patriotismo à qual o nosso Estado não podia permanecer indiferente.

A aviação brasileira, como a desejamos, à altura de constituir-se um eficiente instrumento de defesa de nossa integridade territorial, não pôde ser formada por decreto ou prescindindo dos clubes civis. A êstes cabe uma imensa responsabilidade na tarefa da conquista da poderosa arma e daí a absoluta necessidade de estimular e ajudar as suas atividades.

Não é outra a compreensão dos governantes de vários e importantes Estados do Brasil, onde a atuação dos aviadores civis já assinala qualquer cousa de produtivo e heróico. De hoje em diante, Pernambuco se encontra habilitado a iniciar a formação técnica e profissional de pilotos e isso significa a nossa solidariedade a um movimento relacionado com os mais caros interesses do país.

Fazendo êste registo onde a iniciativa é apreciada ligeiramente e em bloco, abrimos uma exceção para citar o nome do professor Vicente do Rêgo Monteiro, um dos principais fundadores do Aero-Clube e que a tudo e a todos contagiou do seu entusiasmo pela aviação civil em Pernambuco

(“O Brasil hoje” — Diário da Manhã, 12 de Setembro).

2 POEMAS

Aluizio Medeiros

SEGUNDA PERGUNTA LANÇADA NA NOITE

Donde virá êste clamor dentro da noite
que está acordando os homens de sono calmo
e deixando-os inquietos?
Virá dos gemidos das virgens boiando lívidas nas águas

[turvas?

Virá das baleias fugindo velozes para os Mares do Sul?

Virá das ilhas que estão surgindo no meio dos mares?

Ou do balanço dos navios nos cais perdidos virá este

[clamor?

Virá dos longos uivos dos lobos nos gelos polares?

Virá das janelas escancaradas das casas abandonadas?

Virá da ventania que está vergando as arvores?

Ou dos telefones distantes virá êste clamor?

Virá dos grilos dos nossos irmãos que estão lutando?

Virá das negras azas sobre as planícies infinitas?

Virá dos galgos que estão correndo desesperados para

[a aurora?

Ou virá da vida virá da morte virá do mundo este clamor?

Donde virá êste clamor dentro da noite

que está acordando os homens de sono calmo
e deixando-os inquietos?

Donde virá este clamor?

MOMENTO INTEGRAL

Neste momento
há qualquer coisa de estranho no meu quarto.
Há dois olhos verdes boiando no vago
há mil anjos tentando romper as janelas fechadas
há um grande silêncio e uma grande solidão.
Há os estremecimentos da carne insatisfeita
há desenhos disformes que estão se movendo
há o espírito de Deus (talvez seja o espírito de Deus)
por traz das estantes velando os meus pensamentos mais

[secretos

e há o suicídio escondido na gaveta entre poemas es-

[quecidos

o suicídio que surpreendeu aquele meu primo muito alto

[e muito magro.]

NOTA DE LIVROS

LÉDO IVO

"ORACIONE Y CONSEJOS DE AMOR"
E "LA FONTANA FRIA"

Cuando no puedes hacer otra cosa, dás buenos consejos", diz Alvaro de las Casas em seu "Oraciones y consejos de amor", numa frase que demonstra de modo irretorquivelmente claro a virtuosidade do seu livro, isto porque ele não nasceu devido a uma necessidade íntima de revelar ou comunicar algo, porém enraiza suas razões de existir no fato de não ter no momento outra coisa a fazer sinão dar conselhos. Creio que esses conselhos não são bons, em sua maior parte, orientando-se por uma visão exageradamente pessoal do amor, mas é impossível negarmos que são, efetivamente, belíssimos conselhos, o que torna seu livro, de um certo modo, uma obra-prima. São pensamentos de grande emotividade e o estilo de seu autor tem um quê de convincente que nos revela toda a beleza que encerram, talvez mesmo como grande excesso de arte em prejuízo com a exiguidade de vida que há dentro dele. E' um desses livros que nos agradam, pois, aproveitando-se de um tema que faria outro qualquer resvalar na mais sordida vulgaridade, na tragicamente nacional água de flor de laranja, conseguiu o romancista de "Os Dois", escrever uma coletânea de conselhos e orações — o que vale é que são exultantemente de amor — os mais deliciosos e agradáveis. Dentro da trivialidade que esses motivos de ordem puramente emotiva possam ter, seria insinceridade de nossa parte negar a inspiração poética bem alta, o estilo desrido de prosaismos, o característico musical de suas frases, o que o tornam um caderno de poesia escrito em prosa. Seus conselhos não nos impressionam, mas nos agradam e tocam em nossa sensibilidade. Em tóda a literatura brasileira não se encontra um livro como este; suscinto e belíssimo, em que se possa aconselhar desta maneira que convence e enternece:

"Sé como las torres: altas, pero accesibles."

ou mesmo outros, que nos alegram muito, pois estão limitados num mundo de Beleza, o seu autor obtempera que "la belleza inspira alegria":

"!Divino instante aquel en que sentimos la desesperación de tener sólo cinco sentidos!"

Há mesmo certas particularidades conselherais que poderíamos julgar vulgares, e no entanto são raras:

"Si no estás bien seguro de tu infelicidad, no escribas jamás. Una carta mal escrita es una sentencia de muerte".

Não queremos insinuar que a filosofia do amor de Alvaro de las Casas seja certa, porém seríamos injustos se lhe negassemos beleza. Trata-se de um livro em que a Verdade foi fortemente empanada pela Beleza.

Tem um quadrante mundano, é inegável, mas absolutamente pessoal.

"Son los ojos — más que las manos — que gustan de desnudar. Porque lo mejor es la ilusión", ou então: "Dile bellos versos, y de tal manera que parezca que fueran escritos para que los dijeses tú. Ainda: "Sin amor no es posible explicar la vida de los dioses". "Que note juzguen ni menos de lo que eres, ni más de lo que quisieras ser; "Cuando elogien tu inteligencia, hazte cuenta que menosprecian tu belleza"; "El mejor amor era aquel que un dia se cruzó con nosotros, no sabemos cuando, ni donde. Estábamos tan ciegos que ni lo vimos"; enfim uma serie de conselhos bem tocantes.

"Se puede decir todo cuando se sabe decir", confessa Alvaro de las Casas. Aliás, seu ponto de vista foi de grande importância na contestura deste livro, pois ele nos "aconselha" com retórica, habilidade e espírito.

"Quisiera que recordases mi amor sin tristeza y sin nuevos deseos, serenamente, como se recuerda el paisaje y las canciones de los niños".

"Las manos prolongan las palabras".

"Fregunta que libros gusta y sabras cuales son sus ansias".

Enfim, trata-se de um livro onde há interessantíssimos conselhos, um pouco difíceis de "aconselhar-nos" porém largamente agradáveis e espirituosos. E' um livro de amor, que é maior do que toda a insuportabilíssima Delly, se bem não vá além de ser um livro de amor, escrito com demasiada inteligência e sensibilidade, com excesso de personalidade.

Menos belo do que o primeiro, "Fontana Fria" (Palladis, Buenos Aires, 1939), onde o festejado intelectual galego reune uma coletânea de doze sonetos de um líbrismo vasto e expressivo, é também portador das mesmas qualidades do livro anterior, algumas aliás que nos parecem mais defeitos. Não que o autor de "Santiago de Campostella" seja por completo um virtuoso. E' que a vida para ele só significa pela presença da Arte. Ele se reflete muito pessoalmente no que escreve. Seus livros são mais espelhos onde sua personalidade se reflete, do que mensagens que comunica aos leitores. Alvaro de las Casas retrata exatamente o escritor que nasceu para escrever na primeira pessoa, porque o material literário que usa tem sua origem em si mesmo. Seus sonetos são maravilhosamente cadenciados, enternecedores e brilhantes. Há um terceto extraordinariamente vivo:

Nunca sabré dónde estás:
extraña cuando venías
y extraña cuando te vas.

"Seamos como somos" — diz no volume anterior; segue o que aconselha, o que é o mesmo que dizer que seus conselhos são dirigidos a si mesmo. Obedecendo

(Cont. na pag. 27)

NOTA APRESSADA SOBRE "NEBLINA"

Não é possível acabarmos de ler "Neblina" sem termos vontade de dizer alguma cousa.

Não há negar que com êsse magnifico livro de contos José Carlos Borges, inscrevendo-se ao lado de Aníbal Machado, Marques Rebêlo e Joel Silveira, nos oferece uma contribuição vigorosa para esta fase de reabilitação do conto nacional.

O livro traz um prefácio de Graciliano Ramos, onde ele nos diz cousas deliciosas como esta, justificando a sua escolha pelas histórias de José Carlos Borges: "A do sr. José Carlos Borges, "Coração de D. Iaiá" obteve o primeiro lugar. Por que seria que os outros julgadores não haviam gostado dela? perguntei a mim mesmo. Talvez, no momento da leitura, estivessem friorentos ou esquentados, satisfeitos ou aborrecidos, com os estômagos cheios ou vazios. Reli o conto em diversos estados — e ele resistiu ao frio, ao calor, à raiva, à alegria, à fome, ao ciúme e a dôr de dentes. E pensei que Deus Nosso Senhor, antes de nos dar a literatura, nos deu a carie, a mulher, a pele e numerosas entradas para sabermos se um conto é bom ou ruim."

Esse contista surgiu de um concurso instituído pelo "Dom Casmurro" para apurar o melhor conto do ano. Conquistou os dois primeiros lugares. Novo. Desconhecido. Talvez tivesse sido uma surpresa para ele. Para aquêles, entretanto, que já lhe conheciam na intimidade, onde costumava ler as suas histórias, foi apenas uma confirmação, depois de uma escolha séria feita por intelectuais do porte do sr. Graciliano Ramos. Confirmação de suas qualidades de contista sutil, observador, identificado com os personagens, almoçando e jantando com êles.

Em "Neblina" encontramos em certos contos, "Botão se fazendo rosa" por exemplo, legítimas interpretações de sentimentos, feitas dentro de um plano psicológico perfeito. Sem artifícios. Sem complicações. Num estilo claro, suave, sem indecisões. No conto que abre o livro, "Coração de D. Iaiá", ele nos mostra, com uma precisão absoluta, certos ambientes, certos costumes, que revelam o caráter de nossa gente do interior. Gente simples, sem preconceitos, com os seus erros de português, com as suas futilidades deliciosas. José Carlos Borges leva o leitor pelo braço para dentro do ambiente onde D. Iaiá escreve as suas cartas ao filho, educado no "temor de Deus", onde ela é "enbromada" pelo chefe político, onde escuta os ensaios da Euterpina.

Esse conto escrito de uma maneira nova, inteligente, em forma de cartas, revela-nos, amplamente, as possibilidades do novo escritor.

Há nos seus contos uma interpretação tão segura e uma realidade de ambiente tão viva, que nos leva a crer que os seus personagens, ele não os criou, surpreendeu-os nos bodes, nas ruas, nas mesas de café e os colocou dentro das suas histórias, começou a contar como êles se comportam dentro da vida.

Tudo isso condito aquela maneira que tanto nos agrada, aquêle estilo de não dizer tudo, deixando sempre uma "zona em branco", forçando o leitor a dar a sua contribuição. E aquêle que fôr menos inteligente, ou gostar daquêle "final" de beijo longo dos filmes de outrora, ficará inquieto, virando a página, procurando a continuação da história. E só depois de algum tempo, exclamará: "Ah! É isso mesmo. Terminou..."

ALBÉRICO GLASNER.

AVIATION

A la corde de l'horizon
passe un peloton d'avions,
pas un battement d'ailes!

Le premier lance comme un boxeur
"un coup bas à l'atmosphère"

le deuxième est une enveloppe
qui s'équilibre sur un coin.

Le troisième est un ange rigide.

L'escadrille fleurie d'images
disparaît à l'horizon.
Un monoplan brillant comme un toit d'autobus
poursuit les biplans, solitaire!
un avion publicitaire
décrit des ronds dans l'atmosphère

Mais le ciel bleu
submerge d'un seul coup les oiseaux monotones
Méditerranée!

(Extraído de "Sports" — 1923)

GEO CHARLES

L'HYDRAVION

Crucifix ailé, l'avion
est un oiseau de paix et d'apocalyptique désolation.

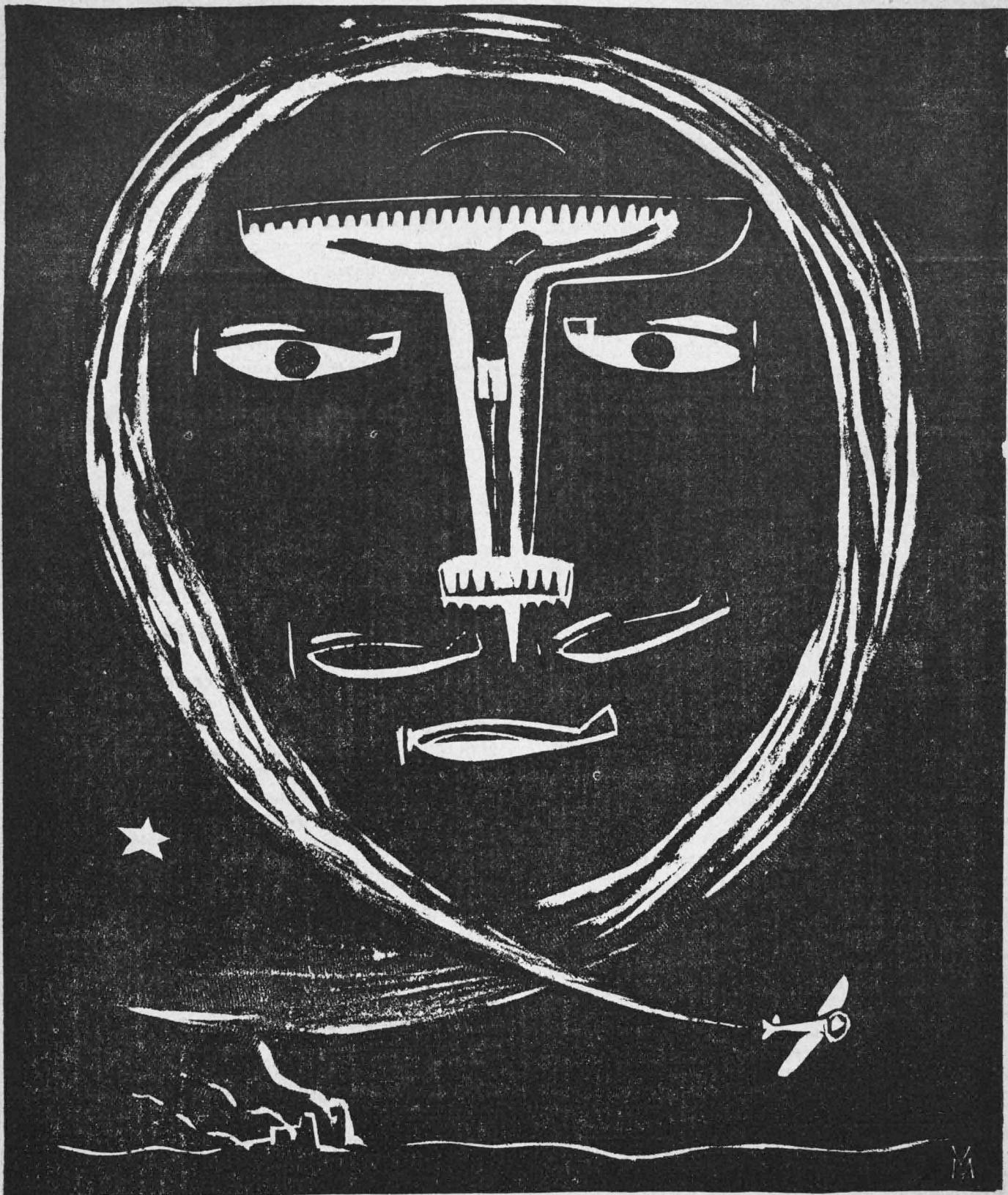
Sur l'immense émeraude qui ondule
l'hydravion, tel une grande libellule,
par petits sauts
touche de son ventre l'eau.

En m'élevant dans l'air, l'hydravion
me donne l'impression dernière,
celle que Jésus a eu sur la terre,
lors de son Ascension.

A l'aéroport, des gardes, des curieux, les apôtres.

Survolant le désert blanc des nuages
je cherche l'étoile des Mages
et je songe
que l'hydravion est Saint Michel,
l'archange,
fendant l'air de son glaive de guerre
pour nous apporter la bonne nouvelle
l'homme n'est plus esclave de la terre.

MONTEIRO
Paris, 1937



O AVIÃO MÍSTICO E PUBLICITÁRIO

ECOS SOBRE O 1.º CONGRESSO DE POESIA



AGITADO OS MEIOS INTELECTUAIS POR UM CONGRESSO DE POESIA

RECIFE, 21 (Meridional) — Os meios intelectuais estão agitados com a proxima realização do Congresso de Poesia.

A mensagem dos promotores do conclave não agrada à maioria dos poetas locais dada o caráter personalista da mesma, que foi subscrita por dois intelectuais.

Acaba de ser fundado o comité "Anjo Livre", que se destina a combater o Congresso.

Interrogado sobre o que achava do Congresso, o escritor Gilberto Freire respondeu que antes de tudo é preciso saber onde se encontra Cicero Dias — o maior pintor e poeta do Brasil — que se encontrava na França.

(“A NOITE” do Rio)



Congresso da Poesia em Recife

RECIFE, 17 - (M.) : Reune-se brevemente nesta capital o Congresso de Poesia, o primeiro a se realizar no Brasil.

(“UNITÁRIO”. Fortaleza, 18 Setembro 1940)



SALÃO DOS INDEPENDENTES

Num gesto de cordialidade e adesão ao 1.º Congresso de Poesia do Recife, a diretoria do Salão dos Independentes decidiu realizar o seu 3.º Salão por ocasião deste Congresso, em Dezembro próximo.



“GRITO”

O poeta Venezuelano Francisquez Gusman acaba de enviar para “RENOVAÇÃO”, a organizadora do 1.º Congresso de Poesia do Recife, o seu mais recente livro de poemas “GRITO”.

E’ um verdadeiro “grito” de simpatia sulamericana pelo Congresso de Poesia e de fraterna compreensão do “espírito” que o preside.

MUITO OURO NOS ESTADOS UNIDOS E MUITA POESIA NO RECIFE

RIO, 20 — Da secção “Pingos e respingos”, do “Correio da Manhã”, de hoje, destaca-se o seguinte tópico:

“Comunicam de Washington que os depósitos em ouro nos Estados Unidos montam a 21 bilhões de dolares.

Para tirar a impressão dessa astronómica riqueza do vil metal, é bom ler o telegrama do Recife, da mesma data, anunciando a próxima reunião naquela cidade de um Congresso de Poesia”.

(Do serviço telegráfico do “Jornal do Comércio”. Recife, 21 - Setembro 1940)

COUSAS DA CIDADE

UM PINTOR QUE FOI UM POETA

No próximo Congresso de Poesia que será instalado no Recife, vão ser expostos os quadros de um jovem artista pernambucano que morreu cedo e deixou uma obra cheia de personalidade: Joaquim do Rêgo Monteiro.

Nunca um pintor foi mais liricamente poeta do que esse. Para ele a pintura era apenas um meio de evadir-se da contingência terrena.

Debalde se procurará nos seus trabalhos o domínio da técnica. Não, ele não era um técnico da pintura: era um poeta, transportado para o mundo plástico. Os simbolistas reconduziram a poesia ao domínio da música. Joaquim envolveu sua pintura de uma ambientação poética.

Esse pintor morreu, há seis anos, num fim de verão, em Paris — a cidade que ele amava. Amava Paris com a paixão quasi física que a amou outro poeta, que foi Rubem Dario.

E já, no fim, quando todos lhe pediam que partisse e voltasse à sua terra, teimou em ficar, para sempre preso à sedução da cidade, que foi o seu encanto de meninice.

Dir-se-ia que se encontrava a si mesmo, no meio de sua angústia solitária, naquele ar, naquele céu e naquela atmosfera de arte e de beleza, dentro da qual fechou os olhos para a vida.

Z

(Diário de Pernambuco)



DONA LAURA ESPERA VISITA

de

Gabriel Cavalcanti

LA o maior desejo de Dona Laura era ver a filha casada com o Adolfo. E para realizar este seu sonho, estaria sempre pronta para lutar.

E verdade que a Enedina não tinha grandes simpatias pelo namorado, mas com jeito iria mostrando à filha as vantagens que esse casamento traria para ela, Enedina, e para os seus. Não é que o Adolfo fosse um rapaz inteligente, tratável, de grande futuro... Absolutamente. Pelo contrário, era de uma imbecilidade comovente e um tanto grosseiro. Mas o principal era a tentadora fortuna do pai. Milionário, não se sabe quantas vezes. E isto era o suficiente para encobrir todos os defeitos do Adolfinho...

Há muito tempo que esperava ansiosa uma visita de dona Balbina. Mas guardava segredo deante de todos. Mesmo de Enedina. Não queria que desconfiassem de sua estratégia.

Hoje, por felicidade, quando Enedina entrará, depois da habitual prosa de todas as tardes com o namorado, dera-lhe a bôa nova.

— Mamãe, Adolfinho mandou dizer a senhora que dona Balbina vem, amanhã, passar a tarde aqui.

Sim senhor! Até que afinal iria ter uma oportunidade de falar a dona Balbina a propósito do Adolfinho e da filha.

Iria pôr em jogo os seus "invejáveis" dotes de inteligência, para ver se abreviava o casamento.

Sendo a filha uma moça de bons costumes e educada em colégio de freiras, decerto não seria difícil fazer dona Balbina olhar com bons olhos aquele casamento.

Deveria, antes de tocar no assunto, dizer que tinha lido a sua última entrevista, publicada no "Jornal das Mães Cristãs" a propósito do socorro da infância desamparada.

Elogiaria a sua atitude em ter subscrito 10 contos para a construção de um orfanato modelo, cujo refeitório iria ter seu nome — REFEITÓRIO BALBINA CARNEIRO E SOUZA. Sim, Isto seria indispensável, pois dona Balbina, como todas as damas da aristocracia e que se dão ao esporte de "fazer" caridade, ficaria sensibilizada com os rasgados elogios à queima roupa. Depois, naturalmente, seria mais fácil abordar o assunto. Ah! Era inteligente e astuciosa suficientemente para tirar o melhor partido da visita do dia seguinte. Afinal de contas o que buscava era a felicidade da filha.

Não podia se queixar do seu casamento. É verdade que o marido, o Heriberto, não tinha grandes sonhos. Porém ela, portadora como era de uma grande cultura, é que não se conformava com o servilismo doentio do marido.

Agora mesmo ele estava ali dormindo plácidamente. Até dormindo ele era servil, medroso. Não roncava porque sabia que ela não gostava e encolhia-se tanto na cama que

não ocupava espaço nenhum. Até dormindo era um conformado, um covarde, um medroso.

Bem, não devia estar se preocupando com tolices e precisava pensar nas providências que tomaria pela manhã para receber a futura sogra de sua filha.

Logo cêdo mandaria telefonar, na venda da esquina, para pedir a irmã, que mora no Parnamerim, para mandar o Manoel. Precisava passar um pouco de graxa no soalho e fazer umas compras na cidade.

Toda vez que falava em telefone, tinha raiva. O pamona do marido já estava autorizado para mandar instalar um em casa, mas sempre que reclamava ele vinha com a mesma desculpa amarela: Não se zangue não, Laura. Estive na companhia e me disseram que não havia nenhum telefone disponível. Você sabe que eu não gosto de lhe contrariar.

Bolas! outra vez se preocupando com o banana do Heriberto. Sim. Não deveria se esquecer de convidar dona Balbina para a festa de formatura da filha. E poderia dar como certo que as colegas de Enedina, tinham-na escolhido para oradora da turma,

Na noite da formatura, a filha recepcionaria as pessoas de sua amizade, seria uma festinha muito íntima, mas faziam questão que dona Balbina comparecesse.

Quem sabe se a filha não seria pedida em casamento no dia da sua formatura?

O diabo é que fazendo uma festa em casa, por mais íntima que fosse, teria de convidar o Carlinhos, primo e muito amigo de Adolfinho. O Carlinhos com sua gravata berrente e com aqueles trejeitos quando falava em jogador de foot-ball, era a criatura mais antípatico que conhecia. Mas o remédio era suportá-lo, pois, assim ou assado, era primo do Adolfinho, de quem gosava da estima.

Bão... Bão...

Duas horas da madrugada. Aquelas paneadas eram dorelogio da Faculdade ou da Fratelli Vita? Não sabia bem, mas, afinal de contas que importava se era de um ou de outro. O que mais importava é que já era bem tarde e ela precisava dormir tranquilamente para guardar o melhor dos seus sorrisos para receber dona Balbina.

Adormeceu.

CLOVIS RAMALHETE ACOLHIDO PELO PREMIO

BRENO ACCIOLY

Se todos os concursos literários definissem valores como definiu *Concurso de Conto de Romance* de Dom Casmurro, evidenciando literatura como a de José Carlos Cavalcanti Borges e últimamente Clovis Ramalhete no romance, o cartaz de literatura nacional teria anteriormente, como está tendo, seu próprio concerto. O primeiro lugar coube ao romancista de *Chove nos Campos de Cachoeira* mas não podemos dizer que Delcidio Jurandir apresente mais forma de expressão, clareza de estilo do que Clovis Ramalhete. O ensaísta de *Estudos sobre Eça de Queiroz* com o primeiro prêmio de contos instituído pelo Governo de Espírito Santo, — tempos atrás escreveu *Viver é apena isso...*, agora burilado e definitivo com o nome de *Ciranda*. Houve empate entre *Chove nos campos de Cachoeira* e *Ciranda*.

Talvez menos sorte de Clovis Ramalhete afastasse *Ciranda* de primeiro lugar, um livro que ainda não conhecemos, mas que muito bem reflete a literatura do homem, a obra de arte, citando-se Guilherme de Figueiredo.

O conhecido cronista de *Vamos Ler* e o *Jornal*, crítico literário de *Carioca* como de *Estudos sobre Eça de Queiroz*, infalivelmente na vanguarda de apreciador do vale de *Crime do Padre Amaro*, segundo Alvaro Lins, Viana Moog — os melhores intérpretes escianos, — *conteur* e jornalista de classe, — Clovis Ramalhete não foi um desconhecido que se aproveitou de *Concurso de Romance*, mas um que *Concurso de Romance* se aproveitou dele para mostrar um romancista oculto, um romancista escrupuloso, como os melhores que somente publicam sem a precipitação, sem o medo da crítica não apadrinhada, firmando-se como se firmam os verdadeiros, os reais personagens da ficção que vence o tempo, a própria política. Ainda deve estar no fundo da gayeta de Clovis Ramalhete o volume de contos notáveis — prêmio do governo do Espírito Santo — contos de uma centralização poética que deveriam estar figurando no fichário dos otimos contos brasileiros como os de João Alphansos, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Marques Rebelo, Antonio de Alcantara Machado, Telmo Vergara, Luís Jardim, Joel Silveira e Dias da Costa. Mas contos como *Um Judeu*, *A mosca e o vaso*, *E preciso casar Alonso* que bem os conhece Guilherme de Figueiredo e que sua autoridade recomenda, estão escondidos, somente um ou outro amigo do autor tendo a ventura de os ler. E isto pelo simples motivo de sempre a perfeição, a constante presença do admirável invadir o íntimo de Clovis Ramalhete, afastando-o de uma publicidade maior, de uma expansão que mesmo sem alarde se vai difundindo. Perguntaram qual a orientação de *Ciranda* e a resposta foi a de mais humano que se poderia responder. *Ciranda* retrata a vida de pensões da rua do Catete e dôr e a poesia, a musica das liras, a febre dos desamparados. O retrocesso de vidas não se engolfa num introspectivo abafante, pois a paisagem, a suavidade de quadros alegres tecem e despertam interesse, aquilo de indispensável para romance de prêmio. E diz Guilherme de Figueiredo, — "É um livro pequeno esse grande livro. O autor não se detém no desnecessário, no puramente ornamental. Bem sabemos que essa época de acaciana velocidade é apaixonada dos volumes grossos, com diálogos palpidos e descrições minuciosas. Mas para Clovis Rama-

lhete basta um traço — e a paisagem desponta. Numa frase de diálogo se desenha em caráter. Um objetivo, uma expressão reduzem todo um panorama sentimental. É que há livros para ler, e livros para reler. *Ciranda* pertence a estes últimos.

|||||

De verdade ainda não conhecemos este grande romance de Clovis Ramalhete mas podemos escrever dele, pois suas crônicas, ensaios, mesmos seus contos sem dúvida publicados com relutância de autor, nos torna seu conhecido, admirador, e não se justifica, que um romance como *Ciranda* fuja ao de ótimo que observamos nos seus trabalhos. No romance deve a Clovis Ramalhete somente ampliar, tornar mais extenso, apegar-se a *jungle* sintética de humanidade, com a força vital de seus contos, a concretização de seus ensaios.

Podemos comparar Clovis Ramalhete a esses escritores casmurros em publicações, verdadeiros peritos, citando-se Prudente de Moraes Neto e Graciliano Ramos, sendo que o primeiro tanto como crítico e "conteur" de uma penetração psicológica à Maupassant, viveunicamente para si e se ainda nos lembramos dele é pelo fato de o diminuto de publicações não desaparecer em nós. Clovis Ramalhete também viveu assim.

A lembrança de concorrer ao *Concurso de Romance* partiu de Omer Mont'Alegre. E os originais de *Ciranda* tiveram seu lugar ao sol.

A apoiada iniciação de Jorge Amado e Bricio de Abreu, atraindo dezenas de originais de romance à redação de *Dom Casmurro*, fez um grande bem à literatura nacional. Somente desta maneira, em breve, conhecermos *Ciranda* e mais um prêmio acolheria Clovis.

COMPOSIÇÃO DA AMANTE DIVINA

(Para "Renovação")

Cláudio Tuiuti Tavares

Havia cessado por completo o barulho das grandes metrópoles.

O mar ficará com vida nova e não parecia o mar.
O riacho tingiria-se de um dourado cristalino
Mas ritimados como dantes os seus murmúrios não haviam ficado.

Na harpa eólica sagrada
O vento de Deus melodiára as canções mais harmônicas
Acompanhada do grande concerto sinfônico uno
Das diversas espécies de pássaros cantores e músicos.
Não sabendo o que acontecerá da sua poesia
O poeta rasgaria o seu livro inédito de poemas
Porque eles poderiam explodir e de certo causariam revoluções universais.

O Sol, mais vermelho e abrasador,
Arremessára os seus raios de azas de fénix
Aos elementos numes duplos e triplos.
Por fim as fórcas siderais dinamizaram os elementos numes!

Composição tinha havido da amante divina.



S. ISABEL

S. TERESA

S. INACIO

S. FRANCISCO XAVIER

HISPANIDADE

VELHO ADJETIVO E NOVO SUBSTANTIVO

Pe. Batista Cabral

Especial para "RENOVAÇÃO"

O que aconteceu com a palavra humanismo que até 1878 não figurava na última edição do Dicionário da Academia Francesa, — veio a dar-se também com a palavra — Hispanidade. Humanismo, criação de Pierre de Nolac que chamou a si a honra de o haver introduzido na língua oficial da Universidade de Paris em 1886, quando do seu curso sobre a história do Humanismo italiano.

O adjetivo hispano ou hispanicó é muito velho. O substantivo Hispanidade é muito novo. Até 12 de outubro de 1931 não existia no castelhano o termo — Hispanidade. Quem o empregou pela primeira vez em uma revista de Buenos-Aires, — foi o Mons. Zacarias Vizcarra. A inovação, viu-se logo, expressava acertadamente uma idéia que flutuava na mente de quantos possuem Hispanidade e foi bem recebida de todos. Da América voou à Espanha.

Dois meses mais tarde Ramiro Maeztu, o futuro mártir da Hispanidade, dava ao expressivo vocábulo fóros de cidadania para que dêle não se esquecessem os lexicógrafos castelhanos.

Não participam sómente da Hispanidade os que têm o mesmo sangue, os que habitam a mesma terra. Em nações diferentes, em regiões longínquas, vive a Hispanidade. Esta é quasi nada da terra, tem muito de espiritual. O brasileiro católico ou mesmo indiferente, se esta indiferença não lhe queimou de todo o bom senso, quando quer compreender o sentido (digamos assim) místico da Hispanidade considera na vida da Espanha e Portugal que receberam de Roma a civilização e a cultura, elaboraram principalmente na época da reconquista um mundo integrado pelo catolicismo e por tantas doutrinas teológicas, filosóficas e jurídicas que se ensinavam nas Universidades. Em Portugal e Espanha a-pesar-de sua fisionomia própria, do seu caráter peculiar; depois de tantas comoções sociais, debaixo de imensas ruínas e entre montões de cinza jamais deixou de arder a chama sagrada da Hispanidade. Esta viveu grandes dias com Santo Isidoro que funda a primeira Encyclopédia medieval; em Tajon, o verdadeiro mestre das sentenças que precede a Pedro Lombardo.

(Conclui na pg. 29)

NOSSA CAPA

UGOLINO DA SIENA

(Cerca de 1339)

UGOLINO DA SIENA foi um dos primeiros discípulos de Duccio di Buoninsegna e na sua pintura ressalta a influência do seu grande mestre. Sofreu da sua boa ascendência, todavia, não foi um "pasticheur". Menos vigoroso, mais seguro, sua arte se ressente de certa preciosidade e frieza de traço. Acentua a sua personalidade os tons cinzentos das carnes, bem peculiares ao seu colorido.

De sua vida poucos detalhes chegaram aos nossos dias. A sua obra mais importante é um altar-mor que pintou para a Igreja da Santa-Cruz, obra assinada, cujos fragmentos em bom estado de conservação se acham no Museu de Berlim e na National Gallery, de Londres.

Deixou também outros trabalhos. Um altar-mor que pertence ao Museu de Siena. Um grande crucificado, na Igreja de Servi, Siena. Uma Virgem e o Menino Jesus, na Capela privada da família dos Baroncelli, em Montepulciano. Paineis representando São Francisco, São Pedro, em San Casciano, Val di Pisa. E esse São João Evangelista que reproduzimos em nossa 1.^a página, o qual pertence à preciosa coleção do Sr. Philip Lehman, em New-York.

E. & V.

VISÃO DE PROFÉCIA

LAURENIO LIMA

Vem de longe o tropel dos fantasmas imensos,
Que vagavam nas noites erradias,
No silêncio das florestas mitológicas.
Mas vêm vivos como jamais viveram.

Os caminhos do mundo são estreitos.
A furia é grande como a angústia humana.
O alude negro fará vencer o pó.

A rapsódia esvai-se dos escombros.
Há força, há vida, há luz,
Na música barbara que surgir do caos.

Aléluia!!!

A POESIA BRASILEIRA NOS ESTADOS UNIDOS EM 1872

"Não me deixes", poema de Gonçalves Dias, foi traduzido para o inglês e publicado na revista "GALAXI" de New-York em 1872, damos abaixo a transcrição:

*Over the waters of a noisy brook
There hung a little flower bending low,
Pleading with heart of love blushing look:
"Oh do not leave me, no!"*

*"Stay thou with me, or, to the boundless sea
Where thou art swiftly going, let me go;
Turbid or clear, I can love only thee.
"Oh do not leave me, no!"*

*The stream stays never, but new waters fast
Succeed each other in their onward flow,
While murmurs still the trembling flower downcast:
"Oh do not leave me, no!"*

*Eternally the ceaseless current flies,
Seeming more strong and swift and loud to grow,
While the poor flower importunately cries:
"Oh do not leave me, no!"*

*Drooping at last, bent to the very ground,
Its bloom all gone, its blushes lost in woe,
Close to the stream it whispers with faint sound:
"May you not leave me, no!"*

*The proud unloving wave with haughty crest
Seizes the flower, and bears far below.
Sinking, it says: "I perish, yet am blest;
"Thou hast not left me, no!"*

BRUNO, VELOSO & CIA.

Comissões, Consignações e Conta propria

Depósito de sacaria nova e usada de açucar, café, cereais, caroço de algodão, aniágens e algodão em peças.

End. Tel.: BRULOSO - Fone 9292

Rua Barão do Triunfo, 196

RECIFE

AS organizações comerciais Lundgren têm 304 estabelecimentos distribuídos pelos 21 Estados da Federação Brasileira. São as "Lojas Paulista", no Nordeste; e as "Casas Pernambucanas", no Sul e Norte do País. Esses estabelecimentos expõem e vendem os melhores e mais baratos tecidos do Brasil.

304 Filiais assim distribuidas :

| | |
|---------------------|----|
| São Paulo | 42 |
| Pernambuco | 28 |
| Rio de Janeiro | 28 |
| Minas Gerais | 26 |
| Pará | 21 |
| Rio Grande do Norte | 19 |
| Rio Grande do Sul | 19 |
| Ceará | 16 |
| Baía | 16 |
| Pará | 14 |
| Paraná | 14 |
| Alagoas | 13 |
| Santa Catarina | 12 |
| Maranhão | 9 |
| Amazonas | 8 |
| Piauí | 6 |
| Espírito Santo | 6 |
| Acre | 3 |
| Mato Grosso | 3 |
| Sergipe | 2 |
| Goiás | 2 |

As organizações Lundgren fazem o equilíbrio da Balança Comercial de Pernambuco.

OS tecidos marca "Olho" vão diretamente da fábrica ao consumidor. Não são onerados com comissão a intermediários.

Façam uma visita às "Lojas Paulista"

USINA MASSAUASSÚ

A Usina Massauassú Dispende anualmente, com Assistência Social :

30:000\$000, para os desamparados.

35:000\$000, para assistência farmacêutica, médica e dentaria.

Os operários têm gratuitamente, casa com saneamento, água encanada e luz elétrica.

A Usina Massauassú justifica, assim o bom nome de Pernambuco, vanguardista das grandes iniciativas de Justiça Social.

Constrúa a sua casa própria em pagamento mensais modicos, na

PREDIAL DO NORDESTE

S|A

Banco do Povo

Diretores :

Alfredo Alvares de Carvalho, Dr. Severino Marques de Queiroz Pinheiro, Afonso de Albuquerque, Antonio Gaspar Lages e Antonio Martins do Eirado

Gerente : Miguel Gastão de Oliveira

| | |
|--------------------------------------|----------------|
| Capital | 1.000.000\$000 |
| Fundo de Reserva | 2.500.000\$000 |
| Fundo para Integralização do Capital | 350.000\$000 |
| Lucros Suspensos | 144.818\$350 |

Matriz : Carta Patente N. 1.529 de 21 de Junho de 1937
Instalado em 27 de Abril de 1920

Séde : Rua do Imperador, 494 (Ed. próprio) — Recife

Filial : João Pessoa — Escritórios em : Alagôa de Baixo
Pesqueira e Bezerros (Estado de Pernambuco)

PLACIDO FARIA & CIA.

Grandes armazens de ferragens e cutelarias em grosso
e a retalho

Especialistas em todos os ramos do seu comércio

PREÇOS SEM COMPETENCIA

RUA DUQUE DE CAXIAS Ns. 276 a 280

Depositos : RUA DR. FEITOSA Ns. 153, 243 e 257
End. Teleg. : "PLACIDO"—Códigos : ABC, 5.^a ed. e Ribeiro

— TELEFONE N.^o 6212 —

RECIFE — PERNAMBUCO

COOPERATIVA DOS PLANTADORES DE MANDIOCA DE PERNAMBUCO

Única distribuidora dos produtos da
Fabrica de Farinha Panificável
do "IBURA"

Teleg. "MANDIQUA" FONE 9569

ESCRITÓRIO:

Avenida Marquês de Olinda, 277
RECIFE PERNAMBUCO BRASIL

MANOÏESCO

II

Jorge Abrantes

(Continuação)

Estado corporativo é a função" dos mesmos, do que se infere que sua exigência primária é o "dever nacional do trabalho"), mas em reduzir a isto, *todas* as relações jurídicas da pessoa

OS DIREITOS INDIVIDUAIS. Da função-dever, de Manoïesco, deriva a sua concepção dos direitos individuais. Diz ele que na sociedade corporativa os direitos são semelhantes aos dos funcionários de uma grande administração, tão extensos quanto o exigem as necessidades do serviço.

Não é isto, justamente, cair no erro coletivista, após haver-se eximido do erro liberalista? Abandonar um extremismo pelo outro?

Embora diga que o individuo "constitue une réalité concrète de la plus grande importance", afirma, em seguida, que ele "em geral, é desprovido de todo caráter funcional, *não existe*. Manoïesco, pois, reduz o individuo a mero instrumento do Estado e das instituições intermediárias. Por isso é que ele, após afirmar que "l'individu n'est pas le but de l'Etat", chama-lhe "instrument de dernier ordre," embora (ainda bem!) não seja um escravo, porque "l'ideal poursuivi par cet Etat est l'expression de son âme".

A verdade ainda está com Aristóteles que considerava o Estado e o individuo ao mesmo tempo meio e fim: o individuo, meio de que se serve o Estado para os fins coletivos, que são somente seus; o Estado, meio de que se servem os individuos para a realização da sua *autarquia* e dos seus altos destinos. O que se aplica, hoje, também às entidades sociais intermediárias.

A doutrina justa é aquela que considera realidades iguais, embora com diferentes valores hierárquicos, e gravitando harmoniosamente, a pessoa humana, o grupo econômico, a família, o município, o Estado. O grupo deve sobrepor-se à pessoa natural, mas não apagá-la. O Estado deve conter em si, mas sem esmagamento, as realidades hierarquicamente inferiores.

Manoïesco, inegavelmente, adota esse princípio hierárquico, quando combate Ugo Spirito no ponto em que esse autor italiano afirma a *identidade orgânica* entre o individuo e o Estado, identidade que o corporativista romeno admite como simplesmente *simbólica* e "qui se produit au moment où l'individu accepte librement et joyeusement l'idéal national que l'Etat représente." Apesar disso, entretanto, não se atenua a noção do *homem-funcionário* de Manoïesco.

Efetivamente, o individuo, no sentido atômico e anti-estatista que lhe conferiu o liberalismo, não existe. O Estado Moderno já não considera o *cidadão*, que passa a ser, na ordem econômica, o *produtor* e na ordem política, o *sudito* (Guido Bortolotto — "Lo Stato fascista e la nazione"). Mas há de sobrar um campo de ação jurídica ás atividades da pessoa natural. O Estado não é apenas uma unidade econômica e política, mas também uma unidade moral, dentro da qual o individuo não é bem o produtor nem o sudito, mas simplesmente, a *pessoa humana*.

(Continua)

NOTA DE LIVROS

Lêdo Ivo

"ORACIONES Y CONSEJOS DE AMOR"

e

"LA FONTANA FRIA"

(Conclusão)

a essa ética, tanto individual como literária, ele nos demonstra sua sinceridade intelectual, pois o melhor meio de ter seus conselhos seguidos pelos outros é segui-los o próprio autor. É um método habilidosamente convincente.

Creamos que "Oraciones y consejos de amor" e "La fontana fria" malgrado a preocupação demasiadamente artística que se nota dentro deles à primeira vista, são livros sugestivos e belos, mais belos do que bons. Têm um mistério que não pode ser descoberto, e "un cierto misterio es la mayor tentación Que haya en tu vida algo que no pueda ser explicado facilmente".

DIRETRIZES DA LITERATURA E MÚSICA NEGRAS NO PAÍS

Dalmo Belfort de Mattos

(Conclusão)

É o "indigenismo" argentino e peruano; é o "criollismo" do Chile. "A fisionomia inconfundível da literatura desses países mestiços", conforme nota Jorge Manach. Ou, como diz Alfredo Yépez Miranda na "Revista Universitária de Cuzco" o nacionalismo literário de tendências revolucionárias.

A posição dos católicos deve ficar bem esclarecida. Apoiam, naturalmente, as pesquisas sobre a raça negra, sobre sua escravidão, e problemas conexos. Incentivam quaisquer iniciativas tendentes a esclarecer as opiniões coletivas. As diretrizes da evolução pátria.

Assim, devem favorecer os estudos de sociologia e folk-lore, imprimindo-lhes um cunho cristão. Podem apreciar a literatura regional, que retrate as Favelas e "mucambos", desde que se despoje de um pseudo-realismo. Que consiste, exclusivamente, em derramar injúrias soezes estilizadas (sic) nas letras de músicas populares de vida efêmera...

Não podem, porém, aplaudir uma literatura subversiva. Que deturpa a realidade. Para demonstrar, a intelectuais "blasés", as teses bolchevistas.

Quanto à música, julgamos que ela deva ser purificada. Estilizada. Como foi o tango, na Argentina, como foram o cake-walk, o coon-song e a habanera. Pois não basta a simples coleta de motivos populares. É preciso sublimá-los através do cunho artístico, como fazia Stravinsky às melodias das steppes. E aconselha André Coeuropy no seu "Panorama da música contemporânea".

É, aliás, o sentir de dois grandes musicólogos paulistas: Marcelo Tupinambá e Mario de Andrade, que clamam, indefessamente, contra o alastramento do samba.

Lêdo Ivo

HORACIO SALDANHA & Co.IMPORTADORES DE CARVAO DE PEDRA
SERVIÇOS MARITIMOS

End. Teleg. HORACIO

CAIXA POSTAL 140

Avenida Marquês de Olinda, 143

1.º ANDAR

TELEFONE 9144 — RECIFE

MANTEIGA**PEIXE**

É a rainha das manteigas.
Usá-la é preferí-la por toda vida.

DEPOSITO:

Rua das Calçadas, 70

Fone 6718

RECIFE

**BAR E ..
CONFEITARIA ELITE**

— DE — OCTAVIO FERREIRA DE MELLO

PRAÇA JOAQUIM NABUCO, 71 — RECIFE

— FONE 6-0-8-6 —

Casa especialista no gênero especiarias
Completo sortimento de PASTELARIA,
FRUTAS e BEBIDAS em geral, nacionais
e estrangeiras

*

"O negro é a nossa sombra", proclamou Paul Morand em seu "Magie Noire". Devemos, pois, estudá-lo. Aproveitar sua contribuição positiva. Mas nunca esquecer as origens europeias e cristãs da nossa cultura. Para cançarmos o auditório com a melodia interminável dos botucagés e condonblés...

GRANDES FABRICAS “PEIXE”

PESQUEIRA
BEZERROS
AREIAS
RECIFE

Filiais em SÃO PAULO E RIO

FABRICANTES DA GOIABADA MARCA
“PEIXE”

DETENTORA DESDE DE 1897, DO PRIMADO DA QUALIDADE
E DO EXTRATO DE TOMATE MARCA “PEIXE”

SUPERIOR AOS SIMILARES ESTRANGEIROS, O MAIS BARATO E O MAIS
ECONOMICO. OS PRODUTOS PEIXE SÃO DE ABSOLUTA CONFIANÇA
EXIJAM-NO DO SEU FORNECEDOR.

A VENDA EM TODAS AS BÔAS
MERCEARIAS

Carlos de Britto & Cia.

ESCRITORIO CENTRAL -- AVENIDA CLETO CAMPELO 532 à 560

RECIFE

—

PERNAMBUCO

VELHO ADJETIVO E NOVO SUBSTANTIVO

Pe. Batista Cabral

(Conclusão)

bardo; com Domingos Gundisalvo, apologista e psicólogo que prepara a obra de Escolástica; com os teólogos de Trento e com as Universidades de Salamanca e Coimbra. À sombra do espírito da Hispanidade foram desbaratadas as hostes agarenos em Navas de Tolosa; se lutou e venceu em Granada e no Lepant. Foi elle que conteve e desarmou a chamada reforma protestante, porque — é expressão de Menéndez y Pelayo — se os primeiros trinta ou cincuenta anos foram de conquistas para a *reforma*, os outros cincuenta graças a Espanha, o são de retrocesso... O protestantismo não ganhou mais terreno desde então, e, hoje nos países em que nasceu agoniza e morre.

A Hispanidade na América assomou igualmente com as descobertas. As primícias da civilização cristã presididas pelos primeiros missionários que aqui chegaram e trabalharam e evangelizaram. No quarto centenário da Companhia de Jesus celebrado e festejado agora mesmo se pôde dar um balanço às poderosas forças morais que sustentam e defendem a Hispanidade, e às que a ameaçam e combatem. Na América latina o México é o país onde a luta contra a Hispanidade tem sido mais agressiva, mais insolente e distituída do mínimo sentimento de cavalheirismo. Cáles cobriu a terra mexicana de ondas e ondas de perseguições que se arremessavam contra a Igreja. Vieram energumensos de todos os tamanhos e dos mais monstruosos feitos a destruir as missões alqueivadas pela Hispanidade na terra de N. Senhora de Guadalupe. A luta contra a Hispanidade não está localizada sómente no México. Também em Porto Rico, etc., A base estratégica por excelência nas justas contra a Hispanidade é o México donde partem ameaças para toda a América latina.

Uma prova disto foi a terceira Conferencia Pan-americana de Educação celebrada precisamente no México, já a braços com a educação marxista. Ai o delegado de Cuba em seu discurso teve uma frase que causou profunda pena em pessoas sensatas. Porém foi aplaudida por aquela assembléia inteira. Declarou que a América devia renovar-se sob as influências que estavam trabalhando o México. Este, viu-se logo era maior e melhor trincheira donde se deveria atacar a Hispanidade, isto é, renovar toda a América latina sob a égide de forças anti-cristãs. Descatolizá-la, empobrecê-la, corrompê-la, debilitá-la em todos os sentidos para fazê-la presa fácil de qualquer mão que tenha força para apoderar-se dela.

Na guerra civil da Espanha sentiu-se a monstruosidade dos inimigos da Hispanidade. Ouçam-se as palavras do judeu *sefardita*, Fernando de los Rios, embaixador de Valencia nos Estados Unidos: o resultado da guerra civil espanhola seguramente terá profunda repercussão no futuro da América do Sul e indiretamente afetará os Estados Unidos. Não pôde pôr-se em dúvida a influencia de raça, pensamento e ideal que a Espanha tem sempre exercido sobre todos os países sulamericanos... (A hispanidade).

E preciso portanto que as nações latino americanas se acatelem contra os inimigos da Hispanidade um mundo de energumenos e de demônios cada qual mais cínico, mais audacioso e mais carregado de hipocrisias. A Hispanidade é indice, grandioso e santo do que foi Isabel a católica, do que foi Santa Teresa, Santo Inácio e S. Francisco Xavier. Do que foi a figura heroica de García Moreno. Por isso a história da Hispanidade só pode ser bem lida aos turbilhões de luz que tempestuam nos cumes da inteligência e da santidade — genios místicos e ascetas.

A moda hoje é combater-se a Hispanidade. Se esta moda se manifesta assim escandalosa por fóra, — é que há uma profunda devastação moral por dentro.

— U S I N A — NOSSA SENHORA DAS MARAVILHAS

Propriedade da Companhia Açucareira de Goiana

Produção: 150.000 sacos de açúcar e 1.500.000 litros de álcool

Endereço Telegráfico: PERYLO

GOIANA -- PERNAMBUCO -- BRASIL



S. JOÃO O ZÉLOTA E S. BARTOLOMEU. — Pintura do “Mestre Franciscano”. Autor desconhecido. (Cérra de 1227)). Obra pertencente à Coleção P. L. de New York. Vide RENOVAÇÃO, Ano II, N.^o 5.

IMPRESSO
NA TIP. DO
DIARIO DA
MANHÃ

Compra Tadeu Rocha
30/8/79